

BOLETIM DA C.P.

NATAL

DE

1931



ORGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

3.º ANO — N.º 30

DEZEMBRO DE 1931

Problemas recreativos

QUADRO DE HÓNRA

André Luís, J. Baptista, J. Costa, C. Coelho, B. de S. e
B. de S. (Linha); 10 de Maio; J. Silva.

QUADRO DE MÉRITO

100 - 20, 100 - 20, 100 - 20, 100 - 20,
100 - 20, 100 - 20, 100 - 20.

Soluções do n.º 10

1 - 100, 2 - 100, 3 - 100, 4 - 100
5 - 100, 6 - 100, 7 - 100, 8 - 100,
9 - 100, 10 - 100, 11 - 100, 12 - 100,
13 - 100, 14 - 100, 15 - 100,
16 - 100, 17 - 100, 18 - 100,
19 - 100, 20 - 100, 21 - 100,
22 - 100, 23 - 100, 24 - 100,
25 - 100, 26 - 100, 27 - 100,
28 - 100, 29 - 100, 30 - 100,
31 - 100, 32 - 100, 33 - 100,
34 - 100, 35 - 100, 36 - 100,
37 - 100, 38 - 100, 39 - 100,
40 - 100, 41 - 100, 42 - 100,
43 - 100, 44 - 100, 45 - 100,
46 - 100, 47 - 100, 48 - 100,
49 - 100, 50 - 100, 51 - 100,
52 - 100, 53 - 100, 54 - 100,
55 - 100, 56 - 100, 57 - 100,
58 - 100, 59 - 100, 60 - 100,
61 - 100, 62 - 100, 63 - 100,
64 - 100, 65 - 100, 66 - 100,
67 - 100, 68 - 100, 69 - 100,
70 - 100, 71 - 100, 72 - 100,
73 - 100, 74 - 100, 75 - 100,
76 - 100, 77 - 100, 78 - 100,
79 - 100, 80 - 100, 81 - 100,
82 - 100, 83 - 100, 84 - 100,
85 - 100, 86 - 100, 87 - 100,
88 - 100, 89 - 100, 90 - 100,
91 - 100, 92 - 100, 93 - 100,
94 - 100, 95 - 100, 96 - 100,
97 - 100, 98 - 100, 99 - 100,
100 - 100.



Respostas

1 - O "Relevo" a que pertence a cidade é uma ilha-
pedra-á.

Algarve

2 - O A. cujo nome se trata de 100-1.

Alentejo

3 - O B. a qual pertence a uma ilha-á.

Alentejo

20 de Maio

4 - O C. a que pertence a ilha-á.

Alentejo

5 - O D. a que pertence a ilha-á.

Alentejo

6 - O E. a que pertence a ilha-á.

Alentejo

Soluções

7 - Um nome de ilha-á a que pertence a ilha-á.

Alentejo

8 - Cidade no mar

Alentejo, Alentejo, Alentejo e Alentejo, e Alentejo.

Cidade, no mar, no mar, no mar, no mar, no mar,
Alentejo, no mar, no mar, no mar, no mar, no mar.
Uma ilha, no mar, no mar, no mar, no mar, no mar,
no mar, no mar, no mar, no mar, no mar.

Em nome de Deus, no mar, no mar, no mar,
Alentejo, no mar, no mar, no mar, no mar, no mar,
Uma ilha, no mar, no mar, no mar, no mar, no mar,
no mar, no mar, no mar, no mar, no mar.

É hoje no mar, no mar, no mar, no mar, no mar,
Uma ilha, no mar, no mar, no mar, no mar, no mar,
no mar, no mar, no mar, no mar, no mar,
no mar, no mar, no mar, no mar, no mar.

Depois... 4 ilha-á a ilha-á, 4 ilha-á a ilha-á,
Uma ilha, no mar, no mar, no mar, no mar, no mar,
no mar, no mar, no mar, no mar, no mar,
no mar, no mar, no mar, no mar, no mar.

Um e mais por um, no mar, no mar, no mar,
Uma ilha, no mar, no mar, no mar, no mar, no mar,
no mar, no mar, no mar, no mar, no mar,
no mar, no mar, no mar, no mar, no mar.

Alentejo (P)
P. 100

(P) Alentejo, no mar, no mar, no mar, no mar, no mar.

9 - Problema de palavras cruzadas



Alentejo: 1-Alentejo,
2-Alentejo, 3-Alentejo,
4-Alentejo, 5-Alentejo,
6-Alentejo, 7-Alentejo,
8-Alentejo, 9-Alentejo,
10-Alentejo, 11-Alentejo,
12-Alentejo, 13-Alentejo,
14-Alentejo, 15-Alentejo,
16-Alentejo, 17-Alentejo,
18-Alentejo, 19-Alentejo,
20-Alentejo, 21-Alentejo,
22-Alentejo, 23-Alentejo,
24-Alentejo, 25-Alentejo,
26-Alentejo, 27-Alentejo,
28-Alentejo, 29-Alentejo,
30-Alentejo, 31-Alentejo,
32-Alentejo, 33-Alentejo,
34-Alentejo, 35-Alentejo,
36-Alentejo, 37-Alentejo,
38-Alentejo, 39-Alentejo,
40-Alentejo, 41-Alentejo,
42-Alentejo, 43-Alentejo,
44-Alentejo, 45-Alentejo,
46-Alentejo, 47-Alentejo,
48-Alentejo, 49-Alentejo,
50-Alentejo, 51-Alentejo,
52-Alentejo, 53-Alentejo,
54-Alentejo, 55-Alentejo,
56-Alentejo, 57-Alentejo,
58-Alentejo, 59-Alentejo,
60-Alentejo, 61-Alentejo,
62-Alentejo, 63-Alentejo,
64-Alentejo, 65-Alentejo,
66-Alentejo, 67-Alentejo,
68-Alentejo, 69-Alentejo,
70-Alentejo, 71-Alentejo,
72-Alentejo, 73-Alentejo,
74-Alentejo, 75-Alentejo,
76-Alentejo, 77-Alentejo,
78-Alentejo, 79-Alentejo,
80-Alentejo, 81-Alentejo,
82-Alentejo, 83-Alentejo,
84-Alentejo, 85-Alentejo,
86-Alentejo, 87-Alentejo,
88-Alentejo, 89-Alentejo,
90-Alentejo, 91-Alentejo,
92-Alentejo, 93-Alentejo,
94-Alentejo, 95-Alentejo,
96-Alentejo, 97-Alentejo,
98-Alentejo, 99-Alentejo,
100-Alentejo.

Alentejo: 1-Alentejo, 2-Alentejo, 3-Alentejo, 4-Alentejo, 5-Alentejo, 6-Alentejo, 7-Alentejo, 8-Alentejo, 9-Alentejo, 10-Alentejo, 11-Alentejo, 12-Alentejo, 13-Alentejo, 14-Alentejo, 15-Alentejo, 16-Alentejo, 17-Alentejo, 18-Alentejo, 19-Alentejo, 20-Alentejo, 21-Alentejo, 22-Alentejo, 23-Alentejo, 24-Alentejo, 25-Alentejo, 26-Alentejo, 27-Alentejo, 28-Alentejo, 29-Alentejo, 30-Alentejo, 31-Alentejo, 32-Alentejo, 33-Alentejo, 34-Alentejo, 35-Alentejo, 36-Alentejo, 37-Alentejo, 38-Alentejo, 39-Alentejo, 40-Alentejo, 41-Alentejo, 42-Alentejo, 43-Alentejo, 44-Alentejo, 45-Alentejo, 46-Alentejo, 47-Alentejo, 48-Alentejo, 49-Alentejo, 50-Alentejo, 51-Alentejo, 52-Alentejo, 53-Alentejo, 54-Alentejo, 55-Alentejo, 56-Alentejo, 57-Alentejo, 58-Alentejo, 59-Alentejo, 60-Alentejo, 61-Alentejo, 62-Alentejo, 63-Alentejo, 64-Alentejo, 65-Alentejo, 66-Alentejo, 67-Alentejo, 68-Alentejo, 69-Alentejo, 70-Alentejo, 71-Alentejo, 72-Alentejo, 73-Alentejo, 74-Alentejo, 75-Alentejo, 76-Alentejo, 77-Alentejo, 78-Alentejo, 79-Alentejo, 80-Alentejo, 81-Alentejo, 82-Alentejo, 83-Alentejo, 84-Alentejo, 85-Alentejo, 86-Alentejo, 87-Alentejo, 88-Alentejo, 89-Alentejo, 90-Alentejo, 91-Alentejo, 92-Alentejo, 93-Alentejo, 94-Alentejo, 95-Alentejo, 96-Alentejo, 97-Alentejo, 98-Alentejo, 99-Alentejo, 100-Alentejo.

Alentejo: 1-Alentejo, 2-Alentejo, 3-Alentejo, 4-Alentejo, 5-Alentejo, 6-Alentejo, 7-Alentejo, 8-Alentejo, 9-Alentejo, 10-Alentejo, 11-Alentejo, 12-Alentejo, 13-Alentejo, 14-Alentejo, 15-Alentejo, 16-Alentejo, 17-Alentejo, 18-Alentejo, 19-Alentejo, 20-Alentejo, 21-Alentejo, 22-Alentejo, 23-Alentejo, 24-Alentejo, 25-Alentejo, 26-Alentejo, 27-Alentejo, 28-Alentejo, 29-Alentejo, 30-Alentejo, 31-Alentejo, 32-Alentejo, 33-Alentejo, 34-Alentejo, 35-Alentejo, 36-Alentejo, 37-Alentejo, 38-Alentejo, 39-Alentejo, 40-Alentejo, 41-Alentejo, 42-Alentejo, 43-Alentejo, 44-Alentejo, 45-Alentejo, 46-Alentejo, 47-Alentejo, 48-Alentejo, 49-Alentejo, 50-Alentejo, 51-Alentejo, 52-Alentejo, 53-Alentejo, 54-Alentejo, 55-Alentejo, 56-Alentejo, 57-Alentejo, 58-Alentejo, 59-Alentejo, 60-Alentejo, 61-Alentejo, 62-Alentejo, 63-Alentejo, 64-Alentejo, 65-Alentejo, 66-Alentejo, 67-Alentejo, 68-Alentejo, 69-Alentejo, 70-Alentejo, 71-Alentejo, 72-Alentejo, 73-Alentejo, 74-Alentejo, 75-Alentejo, 76-Alentejo, 77-Alentejo, 78-Alentejo, 79-Alentejo, 80-Alentejo, 81-Alentejo, 82-Alentejo, 83-Alentejo, 84-Alentejo, 85-Alentejo, 86-Alentejo, 87-Alentejo, 88-Alentejo, 89-Alentejo, 90-Alentejo, 91-Alentejo, 92-Alentejo, 93-Alentejo, 94-Alentejo, 95-Alentejo, 96-Alentejo, 97-Alentejo, 98-Alentejo, 99-Alentejo, 100-Alentejo.

Alentejo

(P) Alentejo, no mar, no mar, no mar, no mar, no mar.

BOLETIM DA C.P.



ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMBINADA

PUBLICADO PELA DIRECÇÃO GERAL

SUMÁRIO: Natal Feliz — Apêndice — O que é o dinheiro! — A realidade — Estatuto da União Brasileira — Companhia de Saneamento — O Novo livro-álbum — Contos e Documentos — Concurso de jardins — Novas salas experimentais dos Colégios do Porto Federal Brasileiro — Condições escolares — Estatuto do Colégio dos Irmãos de Santa — Defesa Profissional da C. P. — Agricultura e jardinagem — Fatos e notas — Notícias de São — Portugal.

Natal Feliz

Arranca-se o Natal, a época do ano em que mais ternamente se critica o sentir da família, em que todos os que saíram do mesmo lar procuram retirar-se ali de novo, numa íntima corrente de sentimentos.

Sagas-se, de perto, o Ana-Itan, entidade sempre com uma separação e a marca de um novo período de tranquilidade e de fortuna.

Os últimos tempos têm sido bem dolorosos para quasi todos os povos. Em Portugal, felizmente, não se tem sentido o temporal na sua maior intensidade, não obstante se haver sentido o mal, entre nós, numerosas classes e indivíduos.

Qual, porém, que ela tenha já atingido a sua maior acuidade e que em breve comence a declinar.

Os tempos que vão seguir-se é de esperar que sejam mais serenos e abençoados. Fazemos votos para que esperanças se realizem e que o próximo Natal marque o advento duma nova época de prosperidade geral e de melhoria para a sorte da Humanidade.

As nossas aspirações enviamos as boas-vozes e desejamos um Natal muito feliz.

Aprender

Porção do Anuário Nacional de Estatística, Instituto de Estatística do Conselho

Nascem mais realistas, mas todos os seres que vivem, das mais simples aos mais complexos, ao nascer vêm com possibilidades de adaptação. E, ao seu nível fundamental, aprender estas coisas não é senão o aproveitamento sistemático dessas possibilidades tendentes à própria vida, garantia vital da sua duração.

Tivemos aprendendo e aprendendo para viver. Quando, porém, a adaptação instintiva se adquire a adaptação consciente e, nas mais formas superiores, racionalmente activa, as novas capacidades de nossas proezas dão à vida um de seu fim por seu turno a forçar as coisas a adaptarem-se-lhe, consequem, portanto, para ela enriquecer-se grandemente e alcançar para si próprios posição de predominio, a que corresponde a espécie humana.

O nosso antepassado que lhe ligamos centenas de milhares de anos, tendo em vista qualquer hipótese de acção, intencionalmente lançou uma pedra para cima ao ar, foi o primeiro a encontrar o caminho que a espécie tinha de seguir para ascender ao insuperável primado que detem o mundo, ao saber e poder conservar viva a força com que a adaptação — a força masculina da inteligência. E tão masculina ela é que, quanto mais subtil mais fertilidade se manifesta, já pelas realizações que possibilita, já pela dignificação que impõe à vida das que lhe abrigam o abismo. Mas, e assim a legião a sedutora prole da Fúria, ao hoje, como ontem, como terá de ser sempre, só alguns homens podem, usando a inteligência para adaptar-se, directamente ou indirectamente, para ela se desenvolver, conservar todos quantos se tornam capazes de bem utilizar as suas conquistas, e não automaticamente, mas compreendendo-as, sentindo o seu valor, tendo mais de se lhe facilitar o ambiente necessário à sua actividade criadora. Nem

mais intelectual foram, espíritos, e talento não foram, ao se deixarem a brulharem: foram sempre mal. Deixou a história de todas as épocas.

A vida intelectual, que é a mais bela e generosa expressão da vida social, para ser usada nunca foi nem pode ser, embora por vezes o pareça, apenas o produto de singulars e solitárias actividades.

As línguas só realmente vivem e se utilizam quando podem difundir-se, despertando geral e activo interesse. E de extensão da cultura depende não só a força viva das línguas, mas é de igualdade quem os cultivam e o ritmo indispensável para os espíritos privilegiados buscarem delicias. Na vida intelectual, como em todas as manifestações da vida, a solidariedade impõe como supremo lei, e é de necessidade que vem da própria essência da vida.

Difundir a cultura tornando-a acessível ao maior número é, em última análise, possibilitar a circulação desenvolvimento intelectual, única maneira eficiente de se lhe garantir continuidade progressiva. E assim o vício compreendendo todos os povos para quem o termo difusão é mais do que *diffusio* de materiais inertes. Em todas as partes, que podem servir para bem se exemplificar e consócio de difusão, os questões de ensino, de sua extensão, aparecem sempre como primordiais; em qualquer caso, seja grande ou pequeno, igualmente grandes são os cuidados tendentes a facilitar o desenvolvimento da inteligência, facultando-se-lhe os mais variados meios de ela se exercitar aprendendo.

É o caso recente notado, por exemplo, notar que na Suíça, cujo superior nível obteve a metade da de Portugal e cujo população nada por dela terço da nossa, a mesma disponibilidade pelos estudos com o ensino primário representa importância equivalente a dois quintos da que se dispõem em Portugal com todos os graus e

capêdas de ensino. Na Holanda, estes pequenos país, em superficie ainda menor do que a Suíça, mas em população equivalentes a Portugal, e que o Estado dispõe com os serviços de educação desde as mais pequenas instituições de ensino, e o que gastam por si as crianças com o ensino que recebem é o triplo do que o Estado português gasta com todos os serviços de instrução! Não também pequenos os Dinamarqueses, com menor população do que o nosso, pouco mais de metade, e que ainda dão as suas vantagens pelo rigoroso, cuidadoso, mesmo ali as crianças os serviços de instrução pública o dobro do que gastam entre nós! Qualquer destes países, e outros equivalentes podiam citar-se, a parou de ser negligente, pela cultura e civilização em nada são inferiores ás grandes nações que têm um milhão, por não agirem bem habilitados, os destinos do mundo civilizado.

Infortunadamente, nós, quanto a cultura, estamos bastante distantes de todos esses países. Em Portugal para mais de metade da população o alfabeto não passa duma simples substituição alfabética e dala tempo dos portugueses não incapazes de os serviços regularmente da escrita. Quando contido não esquecer, e é bom lembrar, que quanto ao ensino, ao seu desenvolvimento, quanto á direção da cultura se deve á República apezadoiro antigo.

Neste sentido o valor da obra republicana, e que faltou, talvez, superior merecimento, mas que não é difícil dar-lhe, só de nós se pode ser contestada. E, se por vezes dela não resultou

e que se pretendia, a responsabilidade não cabe por inteiro a acção governativa.

O ensino primário, e consideramos ali tudo que é a base fundamental de todos os estudos e da orientação de qual depende a possibilidade da existência da cultura, não se pode dizer que tenha em via de adoptar o problema que entre nós se lhe largou resolver rigidamente. Os alfabetos continuavam sendo legíveis e entendíveis, que é o mais tristemente significativo, continuavam a ensinar-se sempre em língua nacional. Têm-se abertas escolas, mas por falta de frequentes também tem fechado algumas. E se nunca os livros tinham lugares para os que se prometiam, em muitas dadas não os lugares vagos que abundam!

Para se combater eficientemente o analfabetismo, para a reduzir a zero capêdas a preparar-se voluntários, já europeus, e a acção governativa não chega, mesmo que por hipótese se possa ver accidentado. O successo de toda a gente de boa vontade e que não ignore os males da ignorância ainda não será em demasia. Se não houver mais de fazer compensar á maioria da gente portuguesa que, deixar uma criança ao melhor lado para poder aprender sem nenhum ensino, é socialmente crime impardável, embora muitas vezes se alegue, na cabeça dos professores os melhores ritmos pedagogias e se tenha a lei sentir das mais rigorosas cominações, e analfabetismo continuou sendo um dos maiores flagellos a embalar a marcha da Nação.

Com o presente número, o *Jornal de C. P.* fecha o 3.º ano da sua publicação e completa o volume III.

Para a sua consideração, é distribuído conjuntamente o Índice, o colar no fim, o endereços, todo o a carta destinada a formar os cartões de consideração.

O que é o dinheiro?

Das Histórias de um menino, de João de Deus, edição de Ilustração

Com o ar tristonho e grave de quem acabou de ler no grande livro espantosa desgraça, os jornais lançaram há tempos, esta notícia tremenda: *Café a centavo!*

E o mundo ficou estupefacto de assombro e desolapio!

As crianças da China, a pesar de terem conhecido a vida e condições de milhares de outras humanas, que se fixaram de frio, de fome ou afogadas, não impressionaram tanto a chamada gente civilizada, como a desgraça da libra. Todos os dias, — e já há três dias agora, — se já não, soltores, nos dão notícias das suas vilalagoas, a triste libra em pouco levantou-se, em pouco não mais.

Há pessoas afortunadas, e há pessoas infelizes. Mas também há quem desdinhadamente morde os ombros, e diga com os seus botões: *quero não tanto ao meu de, porque não tenho dinheiro!*

(Note bem: como tudo se vilalagou, o artigo virou, que era fortuna de pedreira, passou a chamar-se obra tosca).

Mãe, pergunta-se: — que nos interessa a nós, portugueses, que a libra não se levanta? Não temos o nosso escudo, não que se comparem as nossas medidas ao preço, e se paga a entendência no sistema e tudo o mais que é preciso?

Na realidade, a coisa interessamos; mas que haja métodos, para constatação, ou para execução. A melhor solução é a recomendada, — para um caso semelhante —, em certa quadra popular:

*deixa vir a libra caída,
Não a tentes com dinheiro —*

Mãe, afinal, o que é isto de queda de libra, que parece atingir tanta gente, mesmo fora de Inglaterra?

E é que deseja explicar, com toda a clareza, se não occorre fazer um artigo tão magro e indigesto, como letra mal cozida.

Limito-me, portanto, a contar algumas histórias, por ser mais mais palpeira desta época de Fical.

Haesem um tempo atrás, — muito tempo depois de Cuba ter morto Abel —, duas grandes famílias que descendiam ditos irmãos.

A das netos de Cuba tinha por chefe um certo Denton de Ferro, grande capador de netos, mas homem violento e um tanto estúpido. Os descendentes de Abel tinham por chefe um homem leal e sensato, mas não tão rico. Chamava-se Colago de Pedreira, não por ser honesto, mas precisamente por que tirava muita madeira, fiteira, da catagora fazenda. A talos os filhos ditos chefes, vivia dos frutos da terra, cultivando-a, — cuidando a semente —, com o suor do seu rosto; além disso tinha alguns fabricantes de machados, lanças, fuzas e outros objectos de pedra fiteira.

Recordo é dizer que as duas famílias viviam em guerra permanente, e que a matéria era sempre o mesmo: o couro.

Quando os dentes de ferro precisavam de lentes ou de machados, mandavam se covernas dos pedreiros para lhes trabalhar. Quando os pedreiros precisavam de carne, de peles de urso, ou de pedras para templos, tinham uma rapta aos dentes de ferro. A volta da rapta, e trabalhavam o que tinham.

Um dia, o Colago de Pedreira apete que a parte de Denton de Ferro mandou muita de fuzas e de machados, e tentaram vir trabalhar. Mas nessa época também os pedreiros tinham grande falta de carne, e mandaram de peles de urso, para fazerem machados novos, porque o velho chegara ao.

O chefe dos pedreiros teve então uma ideia, — era a sua forte, como dissemos! Mandou fazer todas as fuzas e todos os machados de que não precisava, e foi procurar o Denton de Ferro, mostrando-se de longe, rogando o seu

tares, ao som de buzinas. E propoz-lhe a seguinte combinação: ás Cabeças de Pedreira daria sempre um dote de ferro bruto ou bruto, machado e ferra de que fosse necessário; mas a Dantas do Forno daria um pedreiro ou um paleo de terra, se usasse a as bacias de que dote tinham necessidade. A combinação foi aceita, e fizeram, ali mesmo, lugar e dote para as terras; uma espécie de féta. E as guerras acabaram.

Em linguagem de diplomacia moderna, diríamos que os dois dotes celebraram um tratado de paz e amizade, tendo por base, talmente como hoje, as interesses comerciais das duas terras; isto é o comércio. Simplesmente a comércio não apenas aquelas colheitas, mas se com a facilidade de que algumas moeda, por simples troca ou permuta de uns objectos por outros.

Além hoje, entre os povos de África, se faz comércio desta modo: a os brancos que possuem a região do norte, seguem a um antigo: dão dote, ferra, almagema, espelhos e outras coisas, e recebem café, cera, amêndoas, milho e demais produtos da terra.

No tempo dos pastores nómades, as coisas passaram-se quasi do mesmo modo, mas o comércio era mais extenso: abrangia mais povos e mais objectos. Tinha, portanto, muita, uma diferença importante, como se verá pelo seguinte histora.

O pastoreo Jacob, como todos sabem, era melhor de grandes extensões de ovelhas. Era montoso, que depois de estar muitos anos nas montanhas de Har Moito, resolveu estabelecer-se com toda a sua família e gado nas montanhas de Efrata, onde, distando, a terra era melhor e a água mais abundante. Mas tinham-lhe dois ovelhas para carregar as tendas e transportar as mulheres. E como não podia achar um certo Assua, que das terras de Har Moito, se encaminhara para o Egipto, com uma cida de trinta ovelhas, mandou-lhe Jacob pagar que lhe cedesse dois ovelhas em troca de algumas ovelhas. Respondeu-lhe o Assua, que naquele momento não tinha ovelhas para ovelhas, mas que se lhe Jacob tirasse

por lá dois ovelhas ou pedras de cobre, talvez lhe cedesse a ovelha. Entristecido-se Jacob porque não tinha ovelhas, a os camélos fizeram-lhe muita féta.

Pedreiro, passou um dote, que usava a vender particularmente por terras da Palestina, a qual usava a trazer dois ovelhas de cobre que levava, por das ovelhas. Como os metais e os objectos com eles fabricados, eram muito raras e apreciadas, e pastores usavam a terra; deu as ovelhas, trocou as ovelhas, e com estas comprou os camelos de Assua. E dal pedreiro, disse Jacob que os seus camélos tinham cinco ovelhas cada um, e em toda a sua terra se estabelecer a costume de calcular a valor de todas as riquezas, as cabeças de gado qualquer. E a mesmo fizeram os mercadores estrangeiros, mochos e libanos, e os homens de Fenicia que tinham das terras de mar de terra de Judi, a negociaram com os libanos. E se a estes mercadores alguns pagaram o preço dos ovelhas de ferro, pistado, que tinham de Har Moito, ou das pedras de Tiro e de Sidon, ou das pedras de Har que tinham de Egipto, e relativamente respondiam que estavam tantas ovelhas.

Na remota antiguidade, deste modo se passava o comércio. Em vez de dote, como se nome tempo, havia mercadorias que serviam de moeda, os pedras quasi se usavam para dote a valor de todas as coisas. Nas dote eram ovelhas, outros bois, outros vasos de barro, ou pedras de sal, ou ferra com vinho, azeite e perfumes; outros ainda eram hortalias de cobre, de estanho, de bronze ou de prata.

Os primeiros habitantes de Roma, grandes pastores, também usavam por ovelhas de gado, em latim *pecunia*, donde derivou a palavra *pecunia*, que os latinos de Roma empregam para designar dinheiro.

No Brasil e outras colónias, contra-se, nos séculos XVI e XVII, por causa de serem muito raras, e muito apreciadas a cida se usava as ovelhas das montanhas e das pedras; outros contra-se se por medidas de milho, por outras de café, por dote de ovelha, por dote de pedras de sal, etc., porque estas colónias usavam muito dinheiro.

No Virginia, que é um dos Estados Unidos

de América, a principal mercaderia-moeda era o ródio de tabaco, e nestes e n'outras moedas havia. Com o tabaco tudo se pagava e tudo se comprava, até salinas. Como nos primeiros tempos da colonização de América havia poucos metallos brancos, os ingleses da metrópole, de quando em quando enviavam em carregamentos de salitre as suas esmeraldas e expedimentos de devolução aos colonos: a consequência das suas correspondencias na Virgínia. O preço de uma onça era, no principio, de 100 libras... de pó de tabaco (outra de três arrobas); com o tempo e aumento da procura do salitre, o preço subiu a 150 libras (60 lrs.) por cada paga. Assim o salitre, naturalmente com o aumento, um pedo inglês, em 1680.

Em Angola e Moçambique, durante muito tempo, até ao século de século passado, pagavam-se os salis á tripa, as algemas aos prisioneiros, e as ordenações aos justos e empregados, com pagas de algodão estampado, que era de folha, e a que também chamavam feto ou roupa. Tinham estas pagas comprimento e largura certas e eram dobradas de certa forma, determinada pelo governo; por isso lhe chamavam também fanadas de lei. Os preços eram estabelecidos em pagas e ditos os preços.

Além disso, uma grande parte do comércio com a guiné de Angola, é feito por troca ou permuta de pagas de algodão.

Estas mercaderias monetárias, ou mercadorias-dinheiro, que fossem salinas, salitre, sal, gêneros alimentícios ou favelas, estas moedas empregadas para transportar e guardar. São em também fácil avaliar a sua verdadeira, e pelo, ou a tamanho, o que dava lugar a discussões e rixas violentas. Por isso, pouco a pouco ellas foram sendo substituídas pelos metaes de cobre, e ferro, e prata, e ouro, os quaes bastava pesar, para se conhecerem com certeza, quanto se dava ou recebia.

Quantos inventos a moeda?

Ningum e não. Provavelmente foram os

dois grandes inventores de todas as coisas úteis e simples que a humanidade possuiu: a Necessidade e a Preguiça.

No principio, os metaes que serviam para as trocas eram simplesmente pedras ou baloas. Cada troca obrigava a uma nova passagem, o que era muito incômodo e demorado. Intervalo entre o salis inventos Freguê, e os salis e metal em pedras ou baloas, todos de igual peso. Sobre estas pedras de metal, o principio de salis foi fazer uma certa marca de garantia, certificando que o pedro de cobre, bronze, prata ou ouro, tinha um determinado peso. Foram as primeiras moedas propriamente ditas.

Como estas moedas eram irregulares de forma, os cavalleros de indias, — que sempre se houve —, cortavam-lhes pedações, sem tomarem nas moedas, e assim cobravam as pessoas de troca. A pouco a pouco foi se apodando a forma das barrietas, e o desenho das moedas se mudou. Deu-se-lhes a forma de rodilhas chatas, que é mais difícil de cortar sem se conhecer o preço, ainda assim, havia quem se recusava aos bordos sem lhas alisar muito a lha, inventando-se a serrilha, que só pôde ser feita com ferramentas especiais.

Deste modo e com moedas especificamente, se criaram as moedas modernas, de que a lha arrojada, — a conhecida lha de catalão —, é um bom exemplo.

No tempo em que todos os metaes eram moedas e por isso muito estimados, todos elles serviam de mercaderia-moeda, para as trocas entre os diferentes povos; mas com o andar dos tempos, só a prata e a ouro, por serem os mais raros, e os mais estimados como metaes de luxo, continuaram a servir de moeda, tallados em barrietas ou rodilhas de pequenas dimensões. Depois que se descobriam as grandes minas de prata da Argentina (ou do Chile) e do México, este metal perdeu bastante do seu valor, de modo que hoje só a prata serve para fazer pagamentos de peso para peso.

É curioso constatar, que os nomes de algumas moedas actuaes ainda lembram o antigo costume de se pesarem, á vista dos mercaderes, as barrietas e rodilhas de metal. O nome (nome de moeda alemã) era um antigo peso, que servia para o pagamento da prata e do ouro.

A *libre cre*, — a minha é — uma medida de peso. A moeda de prata mexicana, parecida com o dero espanhol e que vale um cinco avos, conserva o nome de *pie*, porque era a unidade de prata correspondente à unidade do peso, chamada pelo governo, quando o México era uma colônia espanhola.

Actualmente, o *cre*, único metal que serve de moeda internacional, é recebido em pagamento, não pelo valor indicado na face das moedas, ou pelo facial, mas pelo seu peso. As grandes reservas de *cre* dos bancos são, quasi totalmente, constituídas por barras de *cre* não moedado, as quaes se recebem e entregam a peso. É uma mercadoria como qualquer outra. De cada libra dos bancos, são os armazéns de segurança esta mercadoria, e desde ella não saem, quando é preciso fazer um pagamento noutro país, e são as mercadorias de outra natureza para dar em troca.

O Banco de Inglaterra, até ha pouco tempo, era o maior armazém de *cre* de todo o mundo. Mas deixou de o ser, e se o governo inglês, ha dois annos, não ha feito as portas a esta classe, a esta hora estava vazia.

Isto, porém, é, apenas para outra história.

Haute um tempo em Londres, um negociante de *cre* e prata, muito rico e conhecido, — chamamos-lhe, para lhe dar um nome, o sr. Molinos —, o qual costumava para guardar no seu cofre forte, e de dentro de *cre* que os seus negócios não queriam ter em casa.

Um a sr. Molinos, que era um homem de idéas, abstractas, que embora os negócios suas fossem depositados e outros levantados o seu dinheiro, havia sempre no cofre uma soma muito grande, que parecia literalmente um meio de fazer o negocio inglês. Escreveu em honra do papel, pouco mais ou menos os seguintes dizeres:

— *Molinos & C^o*, prometem pagar o

que lhes apresentar esta nota a qualquer de cinco libras, em moeda de *cre*.

E assinava por baixo, com o nome da firma.

Quando algum commerciante, ou outra pessoa respeitável e de boas contas, lhe pedía alguma

quantia emprestada, o sr. Molinos costumava-lhe o seguinte dizeres:

«Não lhe posso emprestar as libras que tenho no cofre, porque não são minhas; mas deu-lhe estas papellotas com a minha assinatura.

«Se quiser pedir libras, mas o cofre possui uma moeda de igual quantia e comprometo-me a pagá-la em tal ditta e com tal juro, tornando-me a dar essas papellotas em as libras de *cre* que nelle estão. Se cretamente alguma ditta me trazer essas papellotas, eu pago-o como prometido.»

Como o sr. Molinos gozava de enorme reputação, toda a gente costumava em tais papellotas ou notas de pagamento das suas transacções. As notas iam assim passando de mão em mão, e quando algum particular ditta papellotas quedia as libras de *cre*, apresentava-as ao cofre do cofre; este recibia o papel e ditta de dentro dos depositantes, e alguns de libras necessarias para fazer o pagamento.

„A moedabilidade do negocio era muito facilissima, porque, em suma, o sr. Molinos emprestava o que não lhe pertencia; mas os bancos de opeção, — os juro dos capitalistas —, eram enormes, e muitos commerciantes ditta serviam-se com as notas emitidas pelo cofre.

O sr. Molinos teve imitadores. Criaram-se mesmo empresas especiaes, para emitir estas notas de negocio; eram as companhias de commerciantes reunidos, que tomaram depois o nome de bancos.

Em algumas partes do territorio inglês ainda ditta estas notas fabricadas — os recibos, como se diz — por bancos particulares. De Inglaterra o negocio passou para o resto do mundo.

Mas os governos, que sempre a tirar os meios de arranjar dinheiro para as suas necessidades despendas, desobedeceram um tempo que o negocio lhes custava, e chamaram-se a si, proibindo aos particulares de o fazerem.

Criaram-se ditta modo, os bancos emitentes dos recibos, como o Banco de Inglaterra, o Banco de França e outros.

Entretanto a esparitidade costumava que se podia fazer estas papellotas fabricadas. Em vez de se emprestarem notas de valor inferior ao igual ao de *cre* que tinham nos cofres, — como fazia o sr. Molinos —, os bancos desobedeceram que

podiam suporstar muito mais; disse eu três vezes mais, porque o público preferia trazer notas nas máquinas, em vez de trazer ouro nas malas. Assim se fez. Por cada 100 libras de ouro convertidas em cédulas, quasi dizeo no total, emitiram-se notas de 50 e 100 libras; emitiram-se o que se chama a circulação fiduciária a descoberto, porque não tinha cobertura, isto é, não depositada nos bancos para assegurar a troca.

Tam se observado desde então a seguinte: Emquanto toda a gente tem confiança no banco emissor, e está convencida que basta apresentar as notas para receber as moedas de ouro que elles representavam, raras pessoas se lambriam de se fazer a troca. Mas desde que se perdeu a confiança, toda a gente lá vai.

O ouro, como dizeo, — mas sempre lembrado —, só é útil para fazer o pagamento de que se sempre se estranheira, quando não ha outros meios para dar ao ouro. Para as compras da praça servem muito bem as notas e as moedas fúgidas: cédulas, moedas de cobre, de níquel e de prata. O governo manda que toda a gente aceite estas notas e moedas, como se valissem a quantia que elles guardam na face, e a parte reversa. Só as estrangeiras é que não têm obrigação de aceitar as notas e moedas fúgidas dos outros países, e por isso é necessário dar-lhes ouro.

Foi assimtudo isto, aqui ha meses atrás.

Os commerciantes ingleses tinham comprado muitas mercadorias estrangeiras, e vendida as estrangeiras poucas mercadorias inglesas, pelo que tiveram de pagar a differença entregando ouro. Não se tendo em casa, foram buscar as libras que tinham depositadas no Banco de Inglaterra, e mandaram-as para a França, América e outros países, onde tinham feito as compras.

Muitos homens ricos que tinham o seu ouro depositado no Banco de Inglaterra, acortados com a má administração dos negócios públicos, trataram tambem de o levantar, e quasi todos notas contra igualmente a pedir a sua troca

por libras de metal. E é que sempre acontece quando ha desconfiança: estabelecem-se o pânico.

O Banco de Inglaterra encontrou-se, de effeito, sem reservas de ouro para tantos pagamentos, e pediu socorro.

A commissão sagheira de St. Maldoz mostrou-o que era: um castelo de cartas. Veio um casto a fol se abateo.

Mas muitas vezes, os governos, que têm sempre a mão e a queija no mão, tiram-se dos embaraços pelo Banco. O governo inglês decretou: «a partir de amanhã, 21 de Setembro, o Banco de Inglaterra deoia de ser obrigada a trazer as notas por ouro». E acabou-se!

As pessoas que possuíam notas e outros mercantilismos de que se podiam trazer por libras de ouro quando lhes apertassem, ficaram contentes, — pediram a expressão —, e quasi todos depositado libras de ouro nos bancos, só pedio levantar papel.

Actualmente, em Inglaterra, quem tem ouro só o vende por bom preço. Com libras de ouro devem valer hoje tanto 100 a 105 libras de papel. As cédulas: quem possui 100 libras em papel (notas), só pode trazer-las por 70 em 75 libras de ouro. Perdão a differença.

Ha três meses uma libra pelo os nota do Banco valia 124 francos francezes. Hoje, a libra ouro continua a valer 124 francos; mas a libra papel, isto é a nota de 1 libra, só vale 85 francos, os talves menos, porque o seu valor não é exatido!

Tal foi a queda da libra... de papel. Fuzco de valor 124 francos de ouro, a valer só 85. Comprando-se assim a carta branca, de quem tinha o seu dinheiro em Londres. Também pe effeito!

O diabo é isto; dizto de tristezas e de misérias. Ha quem lhe chama succumbente de Diabo, tal é o seu trabalho, diabolico e desorganico, por que de nos ha passar, Todavia... Todavia,

«O diabo é de verdade,
«O homem, o mago!» ...

A Velocidade

FRANÇO, RAY, JOURNAL DE LA VIE, PARIS, TRANSCRITO POR M. BRAGA

DIZEM que *passar é morrer...*

A vida é movimento. O progresso é feito de acuriosidade de intensidade desse movimento: a velocidade é o símbolo do progresso.

A preocupação da velocidade humana, há pouco mais de um século, com o aparecimento da máquina do ferro.

Foi o caminho de ferro que alterou o ritmo da vida e foi a velocidade que alterou a maneira de ser dos homens.

O jornalista inglês que viajou na primeira locomotiva sentira que a velocidade era de tal modo excessiva que os viajantes não podiam ficar ao léguas e na mesma existência à beira da linha. E essa excessiva velocidade era apenas de 30 quilómetros à hora!...

Hoje o maquinista de um comboio conduz a sua locomotiva a mais de 130 quilómetros, vindo a verificar-se nos vultros os múltiplos sinais da via.

Em um ano o ser humano progrediu paralelamente à máquina, adaptando-se com ela a novas condições de existência.

A velocidade tornou a terra pequena.

Júlio Verne fez dar a volta ao mundo a um barco, em alguns dias. Recentemente foi dada a volta ao mundo, de artilho, em seis dias. Uma repórter inglesa de 19 anos, há semanas, foi de Londres ao Cairo em cinco dias e meio!

Exemplo admirável do progresso da máquina e do organismo humano.

Viva-se muito mais depressa — porque se vive muito depressa.

Em 1861 uma viagem especial de comboio de ferro montada por bilhoes atinge, em Alemanha, entre Hamburgo e Berlim 340 km. à hora. Em setembro realizaram-se velocidades de 400 km. e em artilho de mais de 600 km. à hora!

A velocidade vai aproximando os povos de raras distâncias e distantes e ligou melhor os indivíduos da mesma raga. Trouxe consigo uma expansão da democracia, que destrói a despora latina, aristocrática, da vida de outro tempo.

Os sinais da velocidade fazem sentir-se no tempo das léguas como no das milhas posticas.

Nenhum estado profundo pode fazer-se, como nos dias ágeas, durante anos seguidos. Quasi de um para outro os múltiplos nervos distendem-se attinge.

A cada hortelã — a grande revolução do nosso século — envolve o mundo. Telégrafo, rádio, televisão, transmissões com a imagem, a velocidade do artilho.

A velocidade tornou mais fácil a existência, permitindo fazer em pouco tempo os trabalhos ingentes e pesados.

Dal a existência incessante das máquinas, nos grandes centros industriais, fabricando sem parar todos os produtos indispensáveis à vida e ao prazer dos homens, em quantidades fabulosas. Ousada que não para, excedendo-se todos os dias e criando a super-produção.

A velocidade é mais e forte.

Al dos que não são novos, nem fortes!

No Amêrica e na Rússia um homem de 40 anos é pinto de parte porque está gordo.

Creando a super-produção e a veloz produção, a velocidade engendrou o desemprego e a rila.

E eis como a velocidade que é o progresso, se torna um desastrosa, quando desproporcionada.

E porque? Porque o ser humano na linha normal do progresso, de andar mais depressa, não está adaptado, fica ágil da velocidade que vive.

Aproximam-se gerações novas para as quais se estabelecerá certamente o equilíbrio.

O papel dos homens modernos, na vida moderna, consiste em procurar a firmeza desse equilíbrio, ultrapassando-se por conseguir o ritmo compatível com a sua fôrça individual e coletiva.

Avança o homem valioso e se sentir dos elementos que a biologia põe ao seu alcance e a velocidade não o consegue.

Impressões da Exposição Colonial de Paris

París, França, 1931. Obra de Benedito de Sá e Espinosa

A primeira via que entra no bosque de Vincennes, onde está instalada a Exposição Colonial Internacional, é realmente uma zona impregnada de deslumbramento. Folga-se espectador da obra de uma fiavel colonial, montada por um maquinista-de-géio.

A beleza da grande toco-ga, em que não se encontram que se achemossem uma única árvore, a variedade e riqueza das paisagens, algumas das quais verdadeiramente monumentais, como a da Índia e da Indochina, representando esta o famoso pagode de Angkor, que os missionários portugueses foram os primeiros a visitar no século XVI, e deslumbramento das simulações de edifícios superpresidenciais, vendo-se a água sair espontaneamente, e a queda de luz das mais variadas cores, de matizes singulares e rasgos de variados e artísticos contornos, formando algumas lanternas que parecem internacionais e

o barulho inconfundível duma população animadíssima, constituída de vãos por contornos de milhares de pessoas, exprimindo-se nas línguas mais diversas, tudo isso proporciona um espectáculo original e estranho, que deslumbrava a vista e ouzga o espírito dos que o vivem sem misto de novidade e novidade.

mas, é verdade que, em visitas sucessivas, vamos fazendo, por assim dizer, o balanço da Exposição, reconhecendo que é um grande cartame, mas já se registam a entrada de mais de trinta milhões de pessoas, tem, é certo, aspectos admiráveis mas também, ao mesmo tempo, muito de mercantilismo e de especulação. A Exposição de Antuánpia, de um passado, sendo com



A Torre e o jardim da cidade portuguesa e da Índia em Vincennes

divida muito mais moderna, era tão barata superior como exposição colonial, no sentimento mais sólido que manifestava, na documentação da acção colateral dos dois últimos tempos

e os caracteres antigos, desprezando por absoluto de qualquer espírito comercial, assim que os diversos povinhos haviam sido organizados. Bastava, para lhe dar incomparável realce, a representação oficial do Congo Belga e a das grandes colónias inglesas, como a Gambia, a Guiné, a África do Sul e outras mais, que não se faziam representar na de Paris.

O que ambições de ocorrer não significa que não haja ali, em nosso espírito, muito para ver e para aprender e que alguns dos países coloniais não se tenham apresentado honrando em toda as suas condições e documentando largamente, e de maneira mais digna e eloquente, e que tem sido a sua valiosa obra colonial. Basta, entre elles, a Holanda e Portugal.

O primeiro pavilhão holandês foi, como triste desgraçada, lambido pelas chamas de um incendio, não se sabe ainda hoje se casual ou criminoso, que leve-se com tal violência que não houve possibilidade do corpo de bombeiros de Paris, chamado em poucas minutos, em toda a sua força, ao local do sinistro, que pudesse retirar parte alguma de tantas preciosidades da féria das chamas. Em menos de um mês, em três semanas apenas, aquela nação, tão ponderada e consciente das suas responsabilidades e destino, realzara o trabalho de apresentar um novo Pavilhão, não lhe seja como o primeiro, mas riquíssimo também, não só nos espólios e artigos expostos, como nos dados estatísticos e admirável documentação.

As antigas exposições limitaram-se quasi a extensivas mostras de productos, com indicações sumarias da quantidade e valor da produção, em que o mesmo artigo se reproduzia por centenas e milhares de unidades, para validade dos transacções especulativas, apresentando os francezes em geral de uma ordem e grau artisticos bastante deficientes.

Na Europa, a Exposição de Sevilla abriu novas e largas horizontes e costumes desta natureza. Os quadros estatísticos, os mapas limitados possibilidades da fonte de luz, fundidos em uma impressão sã da geologia, estabelecimentos de instrução, caminhos de ferro, etc. de cada colónia, os diversos de formosíssimas perspectivas, que reproduziam um colosso e se vive a vida das colónias, com seus aspectos

mais característicos, a natureza do solo, a variedade das paisagens, os accidentes dos terrenos, as mais belas obras de arte, as faces do trabalho agrícola, os tipos da região, os costumes da população, etc., que nos familiarizam, em poucos minutos, com o que há de mais curioso e característico de uma determinada porção de ilha-mar, bacia, etc., definitivamente, as vistosas expôzitas com as que estava se pretendia dar idea precisa dos recursos das diversas colónias.

A do Egipto, representado no Pavilhão do Congo Belga, era deslumbrante, até hoje parte da mata, e apresentava interiores do Pavilhão de maior encanto e beleza. A do Paris regiu na mesma ordem, sendo ainda mais rica de que aquela no producto e variedade das que duas limitamos.

Não me é possível, com artigo de *Boletim de E. P.*, dar uma idea, por mais rápida que seja, das impressões que colhi ao visitar esta última Exposição. Por isso me refizrei, embora muito resumidamente, em especial, ao modo como o nome País ali se fez representar.

Em todos os grupos do Exposto Superior Geral que me acompanharam, à mesma momento de maior abnegação e de mais legítimo orgulho pelo que ali vimos e ouvimos. Os Pavilhões de Portugal eram dos mais vistosos e admirados de toda a Exposição. A muitos francezes e indivíduos das mais diversas nacionalidades, surpreendidos, maravilhados, exclamações de surpresa e de admiração, parecia a afirmação eloquente, que comprehendemos, de que há o nosso colosso colonialista no presente e de que temos hoje e realzando nas épocas contemporâneas.

No Pavilhão Histórico, em cuja pórtica de admirável arquitectura se há a legenda offi. Rei-Portugal et se a reconhecido, em relieve, das gloriosas heróicas de D. João, de Albuquerque e dos quadros famosos da tomada do Tânger e do Ceuta; bem como das mesmas mirabolantes navegações, com os episódios mais típicos e ainda o maravilhoso e gesto patético de Diogo Cão, tal como o famoso navegador e aventureiro em 1482, ao fim do Zaire.

Noutro ponto destacam-se, em nobres decorações, a viagem de Vasco da Gama à Índia e

a de Pedro Álvares Cabral no Brasil, e lá se finda, aparece-nos a capelinha e magnifico Plateresco, trazido por iniciativa da benemérita Sociedade de Geografia de Lisboa, onde, em linha de honra se exhibe, sendo trazidas todas as longas viagens dos navegadores portugueses, algumas das quais tiveram decisiva influencia nos destinos da humanidade. Era

consolador para nós, ver tanta a grande publico estar embevecido com eloquentes testemunhos das nossas proezas de outrora. Mas duma vez oul nos exclamamos como antes: «Admiravel, admiravel! Como é que um povo tão pequeno realizou tantas proezas!» «Foram os portugueses realmente os grandes colonisadores».

E saltou-me do Pantheão Histórico para as prativas das colônias, e eis-me em companhia. Na parte destinada a cada uma delle as respectivas em plano-relevo com todos os seus detalhes das antiguidades, contornos das costas, situação das povoações etc., de actual Vitoria, Paraiso, e em appellido com o maior interesse e honra. A ethnographia das diversas raças indígenas, a variedade de produções, o desenvolvimento da luctação nos seus diversos graus, com a reprodução dos varios tipos de canoas, a acção das miseras religiozas, as progressos da viagem ordinaria e da viagem ferro-viária, tudo o que pode dar uma idea das nossas proezas de colonisacão e de que, pelo seu emprego, temos conseguido para achem e civilisar os povos indigenas e melhorar as condições de vida distallos territorios, reproduzindo-se diante da nossa vista, com o maior realismo e efficacia.

A representacão da colônia de Angola, principalmente, distingue-se pela importancia que nela se deu a tudo o que diz respeito a civilizacão de



Museo Nacional de Historia de Portugal em Lisboa (Portugal)

lhos, Administrativos e até as grandes obras de arte que foi necessário construir para as necessitates do Estado e do Município de Moçambique e da Cidade e principalmente do Estado de Moçambique, em 1850 que

Monstros, e os diversos tipos de seu material, máquinas, carruagens, vagões, etc.

Essa, também, bastante interessante, sob este ponto de vista, não só sobre os outros, o Parlamento da Colónia de Moçambique, já elevada por muitas e importantes obras feitas. Nesse Parlamento colhe-se ainda a mais agradável impressão ao vermos o grupo de lendas, que fazem o serviço. Em todos estes tipos magníficos, de apresentação simples e simples, elegantes e distintas, muito simples, imprevedivelmente feitas, unidas com o maior gosto tanto as que se lhes dirigiam e acompanhando com a máxima boa vontade e atenção de perguntas que se lhes fizeram. Pelo seu estado e pelo seu progresso, são constituidas



Parlamento do Estado de Moçambique

uma grande frente de humanidade e de que os nossos progressos de civilização, do qual nos que temos conseguido desde as diligencias ao comércio e industrial. Mostraram-se muito satisfeitos pela forma como eram feitas, mostrando

desem com as lendas que se conservam, mas no seu espírito havia sempre uma viva aspiração de se libertarem das mãos brancas e das cadeias de Paris; no seu olhar expressavam uma farda melancólica e as suas palavras exprimiam indistintamente a mais funda tristeza pela sua terra tão longínqua, onde lhes ficava bem pouco o coração e para onde desejavam voltar, tanto mais que no grande capital, não obstante as complicações que se conservam, a luz e a vida que se servia... sentiam muito fria.

Apesar de isto me deve alongar mais, seria imperdoável que não citasse ao menos, da parte da França, a esplendida exposição de Marrakech e da Índia Ocidental, e a completa e perfeita Exposição Colonial permanente, que é por



Exposição Colonial Permanente

todas as coisas, um grande Museu, e, de Dôgla, o partido relativo ao Congo Belga, que não tinha a magnificência e o esplendor de da Exposição de Antuália, e não aludiu ainda à internacionalização e perfeita organização da coisa das informações, com toda graça e até mesmo se que não figuravam com Países especiais, como a Inglaterra e os Estados Unidos, todos os seus serviços capitalisticamente montados. Essa organização foi concebida e dirigida em todos os seus detalhes pelo amado modelo e glória da França e da humanidade que se chama o Museu Lyautey e foi como exemplo a seguir, de maior utilidade e eficiência, em todas as exposições futuras.

A representação das colônias de menor categoria da França, é, em alguns casos bastante delicada e incompleta. Mas, em todas elas

se destaca uma nota interessante e digna de registro. Assim, por exemplo, na de Maritima, que se limita à reprodução de alguns aspectos da mineração colômbia e de fotografias dos seus tipos de minar de maior beleza, vê-se um pequeno quarto, simplesmente mobiliado, com uma almofada muito simples, um leito e mais modesta, ofere o qual, sentido uma colônia, está incluído um velho de minar. Um italiano das Quartas de Imperatriz Aurélia, no caso de sua país, quando ele tinha 15 anos O que é o destino: Essa república, filha do país qual humilde, foi a que veio mais tarde, pelo nome de República, a montar os seus tronos de São Luís. É um tipo sentimental que nada tem com o tipo colonizador da república francesa, mas que não deixa de impressionar e de atrair a atenção de milhares e milhares de visitantes.



Parque do mundo e a via de acesso de Praia de Botafogo

Fotografia de São Francisco de Paula, Rio de Janeiro, agosto de 1906

Notas de Arte.

Estação de Lisboa-Rosio

Resumo de um trabalho de Eng. Architecto, Desenhador E. F. Costa, apresentado ao Conselho de Lisboa de F. e A. de 1890

Como se, querendo a hygiene, seria de se evitar a estagnação da vida social e progressiva de Lisboa, até o dia em que se lhe associar a habitação, devios que se integrem, e evocar-se para sempre, na história das memórias de Ferro em Portugal, um dos seus mais lindos e arrojados empreendimentos.

Propõe-se a este Compendio Real de F. e A. de Lisboa um plano geral. Era a habitação.

A exemplo do exterior. Algumas palavras resumidas de publicações da época bastam para dar notícia, ainda que resumida, sobre o que foi a real situação porquanto antes a habitação de Lisboa era, ao debaixo do céu, também bem demonstrado uma intelligente e sã vida social de cidade.

Em Maio de 1890, o senhor o marquês de Foz: assumiu com toda o entusiasmo e responsabilidade moral de ser sã e habitador.

E referida se é a seguinte demonstração à sua vida, dia: desde então hoje muita coisa; e futura, agora, não longuamente, de Foz julga.

A Foz de Foz de Foz, no âmbito commemorativo da inauguração, houve um artigo de engenharia Vasco da Gama, em que se li:

«Tão se operado, ainda que lentamente, transformações radicais no estado de Lisboa.

Abertura de novas avenidas, a construção de habitações modernas, as grandiosas obras de pórtico, a par das melhoramentos dos serviços municipaes, exigem que uma nova cidade de habitação moderna ligada a cidade da cidade, com a vida ferroviária de Europa.

«As grandiosas e sagazes, não lhe tornaram capital para realizar tão nobre e nobre empreendimento.

«Os hábitos hereditarios no nosso país de estabelecimento, tinham de ser mais uma vez

desperdiçados para um outra luta se opera mais esta transformação.

«Os demolicões de prédios que eram consequência desta transformação alteraram como sempre, a natureza que a cidade se era indispensável capital reorganizado, está sempre pronta a defender, mantendo a utilidade pública e particular.

«A construção de estações, exigida a eliminação de algumas das zonas de vilas e habitações habitacionais, foi também com realismo tão extraordinária, que sempre estações estadas que, pela sua localização, deviam ser repetidas a proporcionar realidades no âmbito de habitação.

Estas notas resumidas, sobre a habitação, e que julgamos de uma importância



Fig. 1.—Plano de construção e habitação de Lisboa-Rosio

flagrante, bem mostram quanto póde o egoísmo torpe, a par do mais caprichoso e infundado, que quasi sempre se attribui a parte inferior a favor do mal, que antes se accusava, também, como necessário à ligação entre o Honrado e o Vale da Ribeira de Alentejo.

Chamo que a utilidade de passageiros não poderia deixar de ser o mais dirigida, não se estendendo ainda hoje, se alguma vez a liberdade de dizer dithuras, emuloras ou luctuosas mais propria.

E além dos artigos do Marquez da Foz e do Visconde de Fátima, destacamos um outro de Luciano de Carvalho, um dos raros que á dithura decomprometida dequella natureza, juntou alguma emmancha, a que aqui prestamos as nossas homenagens, já pelo espirito de imparcialidade que de notam, como pela justiza e popularidade da observação, no que se refere ao estado da transaccão.

Damos artigo, que foi publicado quando os trabalhos ainda não se tinham concluido, remontamos as trezdas seguintes:

«É dithura e critica, mas a arte ainda o é mais.

«Um al um edificio, que já tem visto objecto de muita critica por se feudo, e que de certo continuará a ser alvo dos seus ou Charles Manoel Ripstein.

«Pois bem, esse edificio, digam os criticos a que dithorem, lá-de aferrar sempre em qualquer época, a dithura e a parte inferior do architecto que a deulou e que o encorajou...

«Tem artigo, tem conjunto harmonico, tem beleza de pormenores que não encontraremos, a que não de apparear em toda a sua realidade, quando os trabalhos tiveram sido completamente terminados.

«Não é uma farragem negligida em César Daly, torrada dequi, ali de arrol, corpo central de alito, Loure encostado em uma de Beudant, edificio prouto de architecto feito á fôrça.

«É edificio magnifico Miguel Pala chamava com entusiasmo á critica do Herculano de Almeida. Obedecemos que a estada de Honra, não é um accendo, nem mesmo uma indagação, mas sim um tema habilmente escolhido e desenvolvido dequella glosa de architectura, que representa para nós um pedrão de gloria.

«Em architectura, decomprometidos, tanto vindo de Sulamano, tempo é de estimar um exemplar de portuguez.

«Porque este edificio é unico, deulou de todos os pontos de vista;



Fig. 1. — Vista exterior do edificio, em sua actual situação, segundo o projecto.



Aljube do frontão da Catedral de Funchal

caso pela arquitectura que recosta a illada de casa das tradições nacionaes, não pela pósta que tem a mesma precedência da que serve para a construcção do grande monumento de D. João I, e não, enfim, pelo homem que o projectou.

Este artigo, que não é só da historia da sciencia mas que servirá também como esboço para a historia da architectura em Portugal, termina por considerar a Companhia, —Signa de honra por se ter empenhado na firme propozição de supprir elementos por tal forma contrários, adoptando o pensamento de estudar a arte de Italia urbana, com um exemplo de architectura nacional, e estudando e realçando deste pensamento a um artista portuguez, termina por dizer:

«Assim temos hoje a satisfação de registar neste lugar o nome dum compatriota distinto — o Sr. José Luís Monteiro».

O edificio da estação complexa principalmente de três corpos, cuja disposição geral em planta, afecta a letra de S.

O corpo principal tem frente para o Largo D. João da Câmara. O intermédio e de maior estensão, para o Largo do Duque de Cadaval, tendo ambos as respectivas fachadas portadas e cobradas para a parte, as quaes servem de desfiladouro de luzes, e se erguem sobre do pavimento de 2.^a andar.

O terceiro corpo, de menores dimensões, tem também frente para o Largo do Duque de Cadaval, e é inteiramente encoberto na exterior, não tendo portanto fachada posterior.

Analisaremos aqui tão somente a fachada corrente do edificio principal, que é a mais importante, que pela sua divisão interna em planta, que pela magnificencia e uniformidade de linhas da sua architectura.

Ficou essa fronteira um rectângulo, de comprimentos aproximadamente duplo da altura, cruzando-se de cima, primeiro e segundo andar, dividida no sentido da vertical em três abas, por meio de contrafortes.

Um friso á altura do pavimento do primeiro andar este abas e dividido no sentido horizontal,

limitando-se posteriormente sempre duplo do inferior.

A zona central, limitada pelos contrafortes é cruzada em cada um dos andares por três vãos de janelas, em promedias correspondentes a noventa e seis por dois vãos de portas.

As duas abas lateraes, iguaes e simétricas apresentam cada uma três vãos de portas no rés-do-chão e três vãos de janelas em cada um dos andares.



Fig. 1 — Planta da fachada da estação de S. João da Câmara.

do alto, tal dos estabelecimentos, fig. 1, seguido de balustrada rematada superiormente a edificio, e por último, interrompido a linha de balustrada e occupado o vão principal da composição, domina sobremaneira a torre de relógio, atirado a altura do vigante de cima, dando a impressão de Praga de D. Pedro.

Em as abas gerias da fachada sobre do edificio da estação, que cada pósta, por que nada precisa para impôr e dadas da sua origem, há de buscar de adjetivos esculpturales essas abas; elas desdobram-se hoje no terceiro andar, como desapparecem entre as colunas neoclassicas. Quito disciplinado, alto edificio utilitario, caracter architectural, finalidade; todo li era.

A torre, verdadeiramente edificio digno de nome, fig. 2, é constituida por um corpo quadrangular, realçado nos ângulos por colunas, de alturas e seções variadas, as quaes, attribuindo-se na altura da fachada, afforam no alto, em forma de agulhas estradas em helix.

Entre um friso decorado, com uma elegante grilhagem a qual, formando arcos, apóia os seus extremos em cada um dos colónos.

Inferiormente, como que em parapeito e quasi no alinhamento da grande balaustrada que ladeia a torre, notam-se um balço retivo, sustentado por elementos em forma de S S entrelaçados.

As proporções da abertura, toda a ornamentação, recorte da grilhagem, pilastras e alinhamento dos colónos, além de neutralisarem hábilmente a segunda abóbada, rememora da forma inicial, ainda que empregar um espaço de graciosa elegância que seria impossível não notar.

Toda a balaustra é um plano único, e embora mantendo a direção que já conhecemos, não há colónos nem restrições de corpo, notando que pela razão, de ser toda a parapeito tirado ocupado por um espaço ventoso, compreendendo toda a comprimeção desta corpo de abóbada, dentro do qual não seria possível deixar resacas, que sobre projétilis a seu aspecto, não se poderia terer inconvenientes ao seu funcionamento.

Os colónos lateraes têm um largo emprego no architectura românica, dando transições para



Fig. 1. — Planta das abóbadas do interior da Torre.

a góthica, embora com frango um pouco diferente.

O estilo medieval que, segundo se diz, se viu no góthico, dá a idéa da sua anatomia constructiva, até hordas naturalmente.

Este bloco de construção que de facto e de effeito garantem a estabilidade da obra. No caso de uma fraca manobra, de excepção rectangular com jorramento na face anterior,

acompanham e põe dentro de cada bloco mantendo aquela forma, que passa a hexagonal na altura correspondente à do primeiro arco, e termina no segundo em corpo cilíndrico de altura igual à das juntas dequelles parapeitos, sendo esta mudança de corpo assada por molduras salientes. A parte cilíndrica que termina no primeiro e a altura das vigas das juntas da segunda arcos, só tem continuidade junto do estabelecimento, para dispor-se sobre da balaustrada em uma abóbada em parapeito.

As juntas, que na zona central do primeiro arco, (p. 2), limitam o arco das abóbadas gerais, consistem em um triplo resgate por um arco de agulha rebatida, arco d'abala, e por uma grilhagem que a remata superiormente, formando campo rectangular.

Cada uma das aberturas é sustentada por molduras de arquivoltas semi-circulares. A moldura em agulha, notam-se em abóbada elevada na abóbada, e a grilhagem sobrepõe (p. 2), sobre friso ornamentado, e de sobre saliente e rematando à direita e à esquerda por pilastras que se apóiam no friso que



Fig. 2. — Juntas e abóbada das abóbadas para a Torre.

corre em toda a fachada ao nível do pavimento do primeiro andar.

O campo limitado pelo arco «Folha» e as três arcadas, entre de frente a dois medalhões contendo os retratos dos reis católicos, a esquerda, de Fernão Pêrez de Melo, o mais notável dos ministros de D. João Filipe e que o era ao tempo da construção do monumento; e à direita, Stephanus, o inventor da locomotiva.

As grilheiras das balcões das duas janelas, fig. 4, têm como se diziam no primeiro andar, são acompanhadas nos extremos por pequenos pilares, o conjunto apertando-se através as volutas dos respectivos vãos, ladeados dos pilares d'ellos.

As três janelas de cada uma das zonas laterais de mesmo andar, sendo também em arco de volta perfeita, apresentam as diferenças seguintes: na zona central empregaram-se elementos combinados para realçar um todo restan-

ças, nas zonas laterais as arcadas destacam-se livres no fundo da fachada.

No grupo central há uma coluna só, de separação, em que se apóiam as arcadas. Nas zonas laterais, as colunas são duas, separadas por uma pilastre, sendo comuns as restantes aberturas, dando no seu conjunto uma certa vive e firmeza que contrasta com a amplitude digna do grupo central.

As portas das zonas laterais do rés-do-chão mostram vergas em arco de ogivas rebatidas, destacando-se na sua decoração: um colunete saliente sobre o plano de alvenaria de fundo lizo, dividido em terços no sentido da altura por meio de colunetas; base polygonal, capitel em escocada, fig. 5, de fôrma igualmente polygonal e que se segue vendo na expressão do mármore uma gola em arco de círculo cilíndrico com quadrilobos, acompanhada por elementos torcidos.

No segundo andar as janelas, que são lidas na sua singularidade, mostram as pilastras dos vãos das arcadas inferiores, e são absolutamente iguais uma sobre a outra, de mesmas dimensões e de ornamentação mais abstrata comparadas com as de cima.

Tanto no rés-do-chão, como no 1.º andar, as aberturas e respectivas ornamentações ocupam completamente o campo de cada zona no sentido da largura.

No 2.º andar, os campos lidos são essencialmente iguais aos ocupados pelas janelas. Eritas são de verga reticulada, formando aberturas rectangulares guardadas nas cabeceiras por delgadas colunetas vazadas na alvenaria, ligando-se junto de virga a um sistema de quatro arcos em escocadas.

Acima do remate, notamos, que se o olhar debruça dum observador despenhado, percebendo rapidamente as linhas gerais dessa mole construída, há tope e acabamento, uma tranquillidade notável e serena. De facto, a importância que em alvenaria lida, estabelecimento e balustrada, fig. 6, imprimem á composição, é inconfundível.

Cada balustrade abota a forma geral dum Y e mostra dum pequeno dado, de abito e qual compõe dois ramos de campo quadrangular com as extremidades curvadas para dentro.



Fig. 4 - Planície do Espaço de cima com a balustrada

A sua central de via do-olho, é a talos copada por dois vãos. Não duas portas em um de fachada.

Os elementos principais de ornamentação, estando de dentro para fora, são constituidos por uma gola acompanhada por dois toros, uma zona larga realçada por alto lance, seguida dum cordão contínuo de folhas de acanto estilizada,

e acima das delligadas de quantos portões são applicada, havendo de considerá-las como molduras pelo grandiosidade e monumentalidade da sua ornamentação, e sobre as quais a arquitetura que surge de sobre as a colunas dentadas ou não-lanceoladas, quanto à legitimidade da sua forma.

No alto central da fachada e um pouco abaxo



Fig. 7. — Elevação da fachada central de Lisboa

e toda ornamentado por entre toros e compando o todo e se achadas visíveis de arco de cada porta, sobramas molduras de 16 toros que formam a zona «Estação Central».

A meio de altura de metal que separa estas duas portas, vê-se um elemento de molduras limitando campo, que dá lugar a um aldo curvado na fachada, cada se abriga um pagem ventado de guarda, e armado de espada e escudo.

As portas de ferro, delimitas lá como representando as estruturas de metal, e que deixam

de três figuras um medallão com o retrato em alto-relievo do Rei D. Luis I.

A fachada sul, sp. 7, acima, como a fachada norte, está do-olho, primeira e segunda andas. É dividida por meio de contrafortes em quatro zonas, correspondendo à primeira, a mais interessante, ao edificio principal, mantendo uma tão notável harmonia e unidade de molduras, como a frontaria norte.

É alinda digna de registar a toda fachada virada ao norte que é, por assim dizer, uma variante da primeira zona de frente sul.



Digressão literária.

Conquista de Santarém

U rei dos portuguezes parecia querer dar, então, trégua a tantas lidas no remanso das alagadas d'Alentejo. Em 1145 desposou-se com Matilde de Habsburgo (Matheo) filha do conde de Maurício e Salsia, Anacleto III. Ignoramos hoje quasi tudo os motivos d'esta escolha, e não sabem as relações que havia entre a casa de Maurício e a de Borgonha, a qual por seu pai, como sabemos, pertencia Affonso Henrique, Duque da Salsia, pela união das conquistas, e como de Matilde não pôde dizer-se o dos collidos de politica ou de guerra. Tanto mesmo occupamos ahi bastaria das suas pretensões em Hespanha com Euzébio III e preferiam-se para submeter finalmente ao seu dominio a parte do territorio musulmano á direita do Tejo, conquista que o terror do seu nome e as guerras vicia do Alentejo tanto facilitaram.

Santarém era então uma das principaes possessões de D. Afonso e o palmario mais de recuar para as fronteiras christãs. D'alli saíam, como temos visto, a maior parte das expedições que iam levar a donação e a morte até os distritos situados no centro de Portugal. Menos defendida que Lisboa pela arte, era e mais pela natureza; porque, embora não estivesse sujeita de novo como os outros pontos, e os seus habitantes viviam em grande parte a'um arrabaldé á beira do rio, o castello que lhe servia de corte, situado no alto de montanha em que estava assentada, era como um ninho d'agua pendurado sobre o Tejo. As hordas e saques rotavam-se por toda a parte, e a fortificação dos muros que se dilatava ao sul d'ella pela margem meridional do rio tinha-se por uma valha que se acreditava guardada ao menos bastarem 40 dias para

nella sustarem, together e sustentarem os cercos. Com estas circumstancias, os tentativas d'os christãos para se apoderarem de Santarém, tentativas repetidas sem successo ou pelo menos de pouca duração, não tinham mais que ser feitas desde o tempo das reis leonenses, sem com a sua natural Hespanha, porém, reservado para Affonso I o herdeiro naquella insuperavel castella, de uma vez para sempre, a estabelecer a victoria da cruz.

A lucta em que estavam envoltos os dois reinos inimigos que habitavam na Península tinham um caracter differente das guerras do resto da Europa. Lá, por via de regra, se eram disputadas entre os monarchas sobre o senhorio de uma possessão ou duas dynastias que sustentavam sobre de um throno ou, então, questões de dependência entre monarchas e feudatarios: na Hespanha, porém, eram duas entidades e duas religiões que disputavam uma á outra a existência e para as quais a posse ou perdimento de mais ou menos parte do territorio significava a posse ou perdimento, digamos assim, de um membro, de uma parte da propria existência. D'igual maneira que o systema militar apresentava estas partes em aspecto particular, a guerra era essencialmente local. As batalhas saepes, porisso disputadas e sangrentas quando occorriam, duravam raramente. Deixar e committimento de castellos, eis é que se repetia, e logo disse, finalmente; porque em toda montanha, qual em cada castella, surge uma fortaleza, de vezes uma simples torre, cujo conquista imperiosa e expulso do territorio circumvizinho e que assim sustentados com tanta tenacidade pelas que se sustentam. Assim a arte de guerra consistia principalmente no systema offensivo ou defensivo dos castellos. As vezes que ten-

mas de deservir da tomada de algumas cidades importantes mostrava um labor quanto energia e audácia de uma parte, valor e esforço de outra, se tomariam necessarios para este combate incessante de ataques e defesas, não só em os homens, mas tambem em os elementos.

A cidade e a immensura do castello de Santarem e a grande numero de defensores que abria a porção ocidental d'ella sobre d'ella na margem do rio tinham convencido Affonso I de que os seus exércitos militares não eram sufficientes para o levar á sua vista. Militava, portanto, no modo de se applicar d'elle por algum estabegama. Educado no meio dos perigos da guerra, e experimentado quanto a sua coragem natural, as suas invenções propozes de conquistador. Como todas as intelligencias ambiciosas, os grandes capitães não abdicam um nome glorioso sem se por meio das inspirações célebres e divinas a que chamamos a génio. O rei dos portuguezes teve uma inspiração d'essa, e desde então a conquista do famoso castello foi brevemente realisada.

Existe uma relação da tomada de Santarem, extracto da poema em prosa em que ligou o proprio rei narrando as particularidades da empresa. Esta composição é, segundo creemos, obra de um monge de Alcobça. Poeta que não seja abduzido certões de que elle seja um contemporaneo contemporaneo, é ao menos quasi certo. E ainda que pelo seu style seja das condições de uma narrativa exacta e simples, não nos é licito omitir as circumstancias do successo ali realisado, ao menos aquellas que não pouco destacam das formas poeticas que predominam nessa narrativa. A substancia da narrativa de alguns attendamos é a seguinte:

Affonso I tinha feito troqueas com os catholicos, facto aliás confirmado pelo que vimos dizermos. Um certo Monacho em Mon Realmon, homem astuto, cauteloso e astucioso, foi enviado a Santarem para examinar qual seria o sitio do castello mais acessivel de noite e qual o sitio mais seguro para chegar ao pé d'elle. Voltou Mon Realmon depois de ter tudo attentamente, dizendo ser um negocio não só possível, mas, não, facil, e falando-se de que era bastante

de todos expor o possible real sobre o muro do castello e quebrar os ferrolhos das portas por onde os outros entrassem. Fizeram então o rei e d'elle em que deviam sair de Coimbra para a empresa: foi uma segunda feita. A fozza levou consigo os homens d'armas de Coimbra, além de alguns cavalleiros seus, capitaneados por Ferrnando Pires. Ao segundo dia de marcha um certo Martin Moha, provavelmente mercenário contratado no momento, pediu um mais d'ous para intimarem aos de Santarem que se troqueas haviam rotas por tres dias. A proposta forte-heria-convinhado para o castello, sem o fim, talves, de não despertar suspeitas, visto que, accionada a guerra da paz, os empregados e mercenários tinham principalmente siglar a entrada de Coimbra. Chegando á casa de Albarico, a cavallada fez um siglar para o castello, seguindo ao longo das terras que se estendem naquella direcção, e chegou a Fernos sem sempre de abas da noite feita. Assambram. As marchas, pelo menos as últimas, tinham sido feitas de noite, e a gente que o rei tratava ignorava qual era o alvo da expedição, porque Affonso só resolveu a sua designação a Mon Realmon e ao prior de Santa Cruz, Theotonio. Em Fernos, porém, elle fez parecer tudo, animando-os com discursos que tinha compo-rido alguns dos siglar do castello, porque assim não fosse. A tentativa accionou os cavalleiros, não por si, mas pelo principe, que viera offerecendo a tomada d'elle. Realisada em que não os acompanharam; sahando-o, porém, Sahalval, prepararam se para aquella noite feita. Partindo os amateiros, ajuntaram-se os pedes e cavalleiros a pouco distancia da povoação ameaçada e tomaram por um valle, entre o monte Iria de Matos e a Serra de Tamara, outra chamada pelo Siglar das mas aguas. De na Santa Mon Realmon, como praticos; e, não presentidos pela povoação alarmada, aproximaram-se dos muros do castello.

O desastre para muitas egella fortalezas inexpugnavel visto sido de accionio troçado pelo rei que para isso aproveitara as informações de Santarem. Santarem-se feito das marchas, e surge cada uma de duas homens d'armas os catholicos, os quais, portanto, numeraram cento e cinco. Deos golpes de gente, de dez catholicos

cada um, subiriam assim successivamente ao muro no lado que indicava a esq'la e que era uma quadrada no tempo em que os saracenos não costumavam collocar sentinelas ou vigias nas torres. Subidas feitas, deviam levantar a signal ou pendão real sobre as ameias de modo que se pudessem assegurar á luz do dia da noite, e depois, descendo de adarve os soldados da muralha para a escuridade interior, apertar os ferrolhos das portas, que cada entrada se que fechava de fora. O que especialmente se recomendava aos cento e vinte que tinham de subir a escala era que naquella primeira لحظة, enquanto os inimigos estavam em confusão e incerto, não profanassem nem a herança nem a mulher, nem os filhos nem as crianças. Os gritos variados dos moribundos, o sangue corrente em torrentes, aquella vil-pagaria incessante das feridas e a som confusa dos golpes indistinctamente espalhados no castello, tentor tão profundo, que a delicia se tornaria impossível, e o castello seria uma grande massa sangrada.

Tal era o plano; mas a abilitar que accorreu a Alfonso para tomar as defensas do castello desconfiadas não approvou por demasiado subtil, segundo se pode colligir da narrativa que vamos seguir. Vimos que na torre alta e no interior assignava a dedarar que se trouxeram foras por tres dias suspensas. O plano terminava na torre, e era durante elle que os saracenos deviam recolher de vigilância e castido. Nos termos da doação feita por Ibn Rabi, capitado o preso, era natural que, após tão longo castido, não vinda movimento algum, elles se limitassem de novo da prevenções ordinarias. Assim no noite do castido, destinada para o assalto, tornava-se prohibidissimo que se subidas e rebidas estivessem desconfiadas. Ha, como parece, e acabou tal caso, acabou na verdade não exemplo de perfidia, as esperanças dos almoravides fallaram em parte. No lugar onde habitualmente não havia sentinelas desconfiavam-se agora duas que realmente se esperavam a vossa á pequena hora, cuja notaguarda o primeiro delava, pouco antes do meio de uma noite, esperando que as vigias almoravides nem a mulheres doj quarto d'alva. Longas horas lhes

deviam parecer estas em que esperavam; mas se duas sentinelas colavam por fim no mesmo. Falei tanto de uma de um offeiro contigua ao muro, Mem Rabi nos contou se com este e procurou com a ponta da lança seguir uma escala de ameias; mas fallando ha o tio, o assalto subito com grande ruido. Não tinham elle entre a vida e a morte e, curvando-se, ergue sobre os hombros um soldado, que lhe por os olhos á cresta de muralha, e, pulando sobre, pôde salvar-se a escala e uma das ameias. Não relaxou o almoravide sobre o pendão real e levantou-o. Quasi a um tempo Mem Rabi nos contou se no p'd'elle. Tudo isto Mem obra de um instante; mas o ruido despartido, de fôrta, se confundia. O primeiro estandarte do tyranco Ibn Rabi estava lá como o espectro da morte. Estupefactos, perguntaram ambos com voz tremida: «Quem está? Não impediu-se o assalto? Não chamaram em lucto a muralha? «Nasceram-se Três eram tambem os almoravides que se colavam no adarve. Mem Rabi nos responde com o grito de guerra: «Desfoga e rei Alfonso á nos de rei, subleivando de do tempo que a escada, recumbem sobre por cima da escarpella. Evadira por Santiago e pela Virgen, e ao mesmo tempo dila que que estarem no adarve: «Ela me aqui; ella aqui! Metta-se á escala! — Nem um escape do Kac'h Entrancas tinham avogado outra escala, e vinte cinco homens d'armas estavam em cima. A vossa d'antes e Era de castido era já confusão e melancia. Alfonso dividia as suas pequenas forças em duas tropas, um que tentava sobre o muro pela direita, outro que tentava o castido de verdadeiramente a margem do rio, para que se salvassem não fossem por aquella parte impedir-lhe o appropiar-se da entrada. Ao mesmo tempo se vinte cinco almoravides tentavam quebrar as portas, arremessando pedras contra ellas, mas debalde até que, aliando se de fora um macho de ferro por cima do muro, podiam-se que se adarvam dentro pedis com elle as feridas. Despedagado e d'ago, a torrente precipitava-se dentro do castello. Alfonso, movido pela impetu de enthusiasmo religioso, apertou no limiar d'aquellas portas que mal deixava se largar tão facilmente de

abrir para a receberem o motor. Fazia-se uma resistência local e uma larga manobreira. Os raios do sol, que nascera entretanto, não esquentaram já sobre o requinte castanho e estanhado do lobo, derrubado sobre o chão de

março para nunca mais se seguir sobre as terras da opulenta Salsarém.

.....
 Illustração: Henriquez — *Milhões de Portugal*.
 Os trabalhos de construção do *Evora* no estaleiro.

O novo barco «Évora»

O **O**letim publica hoje, em separado, uma estampa do barco que ultimamente foi adquirido pela Companhia para o serviço entre Lisboa e Barreiro.

O novo barco, baptizado com o nome de *Evora*, foi construído nos importantes estaleiros da casa Krupp, de Kiel, na Alemanha, que se tem especializado na construção de barcos com motores a diesel pesados.

As principais características da *Evora* são as seguintes:



A estampa do novo barco a diesel, construído no estaleiro de Krupp.



O novo barco a diesel baptizado de «Évora» de 1928.

Comprimento total.....	95,60 metros
Comprimento máximo.....	50,00 metros
Quilómetros máximos.....	1,000 metros
Tonnagem bruta.....	267,1 toneladas
Potência dos dois motores.....	800 cavalos
Velocidade.....	12,00 nós/hora
	ou seja
	22,32 K. G.
Distância de viagens curtas.....	300

O aparelho propulsor é constituído por dois motores a diesel pesados, sistema Diesel.

Cada motor tem 8 cilindros e é accionado através de uma bomba de óleo de lubrificação, dum compressor



Os Vasco Gama da Comp.ª dos Barros Portuguezes

de ar, duas bombas de refrigeração e dentro do casco. São muito económicas; nos motores a que foram submetidas consumiram em marcha normal o consumo de 180 gramas de óleo por cavalo-hora. A potência é de 280 cavalos.

Além dos motores principais, a *Sivra* possui dois grupos electrogéneos, constituidos cada um por um motor Diesel de 5 cilindros de 24 cavalos de potência, e um dínamo de 12-KW.

Entre os motores, existem ainda outros a que foram submetidos, um consumo de 190 gramas de óleo por cavalo-hora, resultado plenamente satisfactorio até o ponto de vista económico, dada a sua reduzida potência.

Como aparelhos auxiliares possuem a *Sivra*:

— dois motores electricos de 4 cavalos, movendo a um ebbes de bombas

— uma bomba centrífuga com esquentador para depuração do óleo de lubrificação.

© Ima de novo barco é instalad; sendo a ma



A instalação de novo barcos, adepção de novo barcos de 190



Uma das aberturas de abastecimento de novo barcos, adepção de novo barcos de 190

de um do óleo de lubrificação auxiliar e de transporte do óleo consumido, e o outro as bombas de pórtico e do casco;

— um compressor auxiliar ligado a um dos grupos electrogéneos;

temperação e transmissão são efectuadas de forma a não pôr a um movimento apenas um esforço muito reduzido.

O alinhamento da pisa é movido electromagneticamente e a grande de prova, a leiga.

As hélices são de aço inoxidável e que consomem uma quantidade de hélices deste material apresentando estas as de bronze remanechidas maripagens.

O *Sivra* é dotado dum projector electrico, que pode ser manejado de dentro do cabin de comando e certo para assegurar o trabalho durante a noite. Para os dias de nevoeiro, dispõe dum agitador de ar comprimido, electro-automático, que funciona todos os 80 segundos.

Os depósitos de óleo armazenado possuem uma capacidade para 11 Ton de óleo, quantidade suficiente para abastecer 280 horas de trabalho entre Lisboa e Barcelo.

Os compartimentos destinados a armazenar

vão em salão moderno, de linhas simples, revestido de madeira de tons claros e bem iluminado, oferecendo bastante conforto. A disposição dos bancos e as amplas janelas dos salões de bordo, permitem aos passageiros gozar o admirável panorama que a natureza do Tejo oferece.



Passagem sob o arco de ferro branco, no dia 20 de Julho de 1933

No convés superior, revestido com tapetado de madeira, completamente abrigado pela frente e podendo também abrigar dois lados por malha metálica, encontram os passageiros uma agradável estadia seja qual for a estação do ano.

O *Serra* foi lançado à água no dia 25 de Julho do corrente ano, no Rio, com o ceremonial habitual. Assistiram, por parte do construtor, representantes da Direcção e Chefes de Serviço, e por parte da Companhia, o Sr. Eng.º

Severino Santana e contra-meistro António Gomes. Foi madrinha do *Serra* a filha do Sr. Eng.º Ex.º Sr. D. Filipe de Bastos, que presidiu as solenidades rituais, deixando toda sorte de honras, que baptizou com o nome de *Serra* querendo a tradi-

cional parafuso de champagne arrastando duas centas e mais.

O *Serra* fez a viagem de Rio para Lisboa, após um périplo, tripulado por pessoal da casa construtora que um dia com Directoria acompanhada.

Quanto ao viagem 6 dias e algumas horas, incluindo entre de 20 locos

que teve de abandonar em Falmouth para se abastecer de lenha combustível.

O trajeto fez-se com a mais pequena incidência apesar de se girar de Bacia, ter encontrado mar muito agitado, circunstâncias que teve a vantagem de proporcionar precisamente as excelentes condições de navegabilidade que a obra bem já tinha mostrado nos primeiros testes oficiais, feitos na Alemanha.

No dia 24 de Outubro último, realizaram-se as

experiências definitivas no Tejo, que vieram confirmar os resultados das anteriores, apesar das pequenas condições de tempo em que estas últimas se realizaram. No teste iniciamos algumas gravuras do *Serra* nas diversas fases da manobração,



Passagem sob o arco de ferro branco, duas horas depois do lançamento

Consultas e Documentos

CONSULTAS

1.— Fidejussões e Tráfego

Questões:

P. n.º 188. — 1.— Quando seja utilizado um contrato algebrado entre remessa destinada a uma linha combinada, a taxa de algebrado deve ser apresentada pelo trajeto a percorrer ou por Kapsitens?

R. — Proceda-se de igual forma para as remessas destinadas às linhas do M. D. e do E. R.?

R. — Quando forem utilizados 2 ou mais em-

barcos e haja que fazer a cobrança pelo máximo, cobra-se só um máximo para os Remessados?

R. — 1.—

Determina-se a consideração:

a) Quando a remessa for destinada a linhas de via larga, dentro Empresas nacional, a taxa é calculada pela soma dos quilómetros percorridos nas diversas Kapsitens, pertencendo a importância correspondente à linha expeditora.

b) Quando a remessa seja destinada a linha nacional de via estreita de ou a linha expeditora, a taxa é calculada até a transmissão, devendo, neste caso, os embarcos até ao fim da mesma estagio de transmissão e serem daí descolados à procedência. Se por motivo imperioso o emissor houver de ir além da mesma estagio de transmissão, passando assim a fazer serviço

empresarialmente em linha nacional de via reduzida, ou em linha expeditora, a aplicação de transmissão não sobrevenha a respectiva remessa com a taxa que segundo a mesma tarifa correspondente ao percurso actualizado em que o emissor vai ser utilizado, devendo essa taxa ser levada à conta da linha expeditora.

2.— Quando a remessa para que foi algebrado o emissor percorra linhas de mais de uma rede explorada pela Companhia, a taxa é calculada pela soma total das distâncias, sendo a importância levada à conta da rede expeditora.

3.— Quando se utilizarem dois ou mais embarcos e haja lugar à cobrança do máximo, deverão cobrar tantos máximos quantos os embarcos utilizados.

P. n.º 189.

— No 10.º aditamento à Tarifa especial n.º 1 de g. n. do M. D., diz-se que os ma-

danças de classe são periclitados de bilhetes de embarcos mensais de classe c) do Cap. 4.º da tabela Tarifa, ou tarifes pela Tarifa Geral ou local de aplicação. Mas verifica-se que o preço do bilhete de classe com azias pela tabela do Cap. 4.º quando o passageiro viajar num embarco trimestral é mais caro que o da tabela da Tarifa Geral. Devo-se portanto fazer pela tabela do Cap. 4.º, ou pela tabela desta Última Tarifa?



Passo de ferro de M.

Passo de ferro, linha de ferro, estação de M. D. (Estação de Ferro de M.)

R. — A quantia de classe deve ser calculada pela Tabela mais favorável ao reclamante.

P. n.º 260. — Desejo o detalhe da taxa da seguinte remessa, em P. V.:

Uma caixa de pólvora sem fumo, peso 40 quilos, de Braga de Preto a Viçosa.



Brasão de Armas

Relatório do Sr. João de Sousa Pinto, chefe de Estação.

R. — Detalhes da taxa:

em P. V.

Transporte 1200 00 (11 24 00)	=	1200	
Manuseio 1200 00 (11 24 00)	=	1200	
Seguro e Averbação	270	
Imp. 50%	1200	
Total	3670	
Imp. 50%	1835	
Averbação	270	5740

em Armas

Transporte 1200 00 (11 24 00)	=	1200	
Manuseio 1200 00 (11 24 00)	=	1200	
Imp. 50%	240	
Averbação	270	1740

em Mercadorias

Transporte 1200 00 (11 24 00)	=	1200	
Manuseio 1200 00 (11 24 00)	=	1200	
Imp. 50%	240	
Seguro	270	
Averbação	270	1020

Total 6670

P. n.º 261. — Deve ser aplicado o multiplicador 8 ou o 11, em P. V., às taxas de manobra feitas com a indicação de terras usadas, e com manobras atuais de uso?

R. — As taxas de manobra feitas, feitas ou não, em caso nenhum podem ser desqualificadas com a designação de terras e distritos de aplicação do multiplicador 8.

P. n.º 262. — Uma remessa de sacos de cimento para o rodado da estação de Montanah, por partes, e só quatro dias depois é que foi carregada e feita o despacho. Deve cobrar armazenagem à remessa, ou não?

R. — No caso de ter de cobrar armazenagem, como deve proceder, visto esta estação não ter bilhete e só no dia seguinte poder saber a péso de vagão?

R. — Visto que decorreram 60 horas antes de comparecer as formalidades da expedição, a Montanah não distaria do disposto no Artigo 2.º do P.úblico A. 285, deve pagar armazenagem e, quanto à dificuldade em avaliar o peso da mercadoria, terá de procurar o critério de empacoto, calculando-o por aproximação, para não abitar.

P. n.º 263. — Deve ser feita a cobrança de prancha em cargas no descarrego de vagões de gado de qualquer espécie, em obediência ao Artigo do P.úblico B. 826 de 5 de Abril de 1920 da matéria Drenagem de Sal e Gesso? O mesmo Artigo ainda está em vigor?

R. — O Artigo B. 826 ainda está em vigor.



Brasão de Armas

Relatório do Sr. Joaquim P. de Sousa, chefe de Estação.

Desde que as operações de carga ou de descarga incumbam ao expedidor ou consignatário e não ao carro, poderão utilizar a prancha para facilitar qualquer dessas operações, sem lugar a cobrança estipulada pelo referido Arto.

P. n.º 264. — Pode indumentaria ou um indivíduo com passaporto de estado na gare de Rematão, para vender jornais, pôde, mediante do respectivo bilhete, tomar os comboios 234 ou 235 para vender os jornais nas carroçagens aos passageiros que lles visitam.

R. — Não pôde vender jornais na gare da estação que consista de autorização que tenha para esse fim.

P. n.º 265. — Pode-se considerar como bagagem uma caixa com 3 volumes, peso 60 quilos, para uso de um passageiro parisiense, após a desembarque?

R. — A quantidade de que se trata não se considera para o efeito para o efeito, deve-se avaliar também, a fim de não expor, como bagagem, as caixas rotundas de que se trata, sem pagar qualquer passagem parisiense no objecto.

Bilhetes à carta n.º 267. — Quando presentemente se discute a modificação dos bilhetes de trânsito, de M. e D., Artigo 216 e 218, com o objectivo de se dar-lhes uma lei, não está incluída uma disposição que permita o transporte gratuito de terra, e Serviço de Trêzigo recomendo toda a tolerância no transporte gratuito destes volumes, antecipando-se, assim, uma medida a conceder eticamente muito em terra.

DOCUMENTOS

1 — Trêzigo

Relativo à tarifa de bilhetes de trânsito. — Concede-se aos portadores de bilhetes de circulação mensal, semestral, trimestral, mensal e semanal, (excepto os bilhetes para estudantes), bilhetes para todo um dia em três estados etras, a facilidade de despaçarem pequenas volumes de correspondência com o peso máximo de 40 Kg. por unidade e limitação de 200 Kg. por expediente.

Para efeito de despacho e seguimento, estas volumes serão considerados como bagagem sem aumento de peso gratuito.



Estação — Praça de Rematão

Visão da gare, tomada das linhas de Rematão, Registo de Viação, do Serviço de Trêzigo.

Tarifagem n.º 268. — Não se pôde desqualificar mais as desdemonstrações de grupos de trabalhadores antes se prestem de Fim de Semana, em que se tem o concurso de todas as mercadorias, estabelecem-se por este Tarifa, que se aplica a Tarifa de mesmo nome

em 4 de Junho de 1890, propeo bastante mais reduzidas.

Os bilhetes, acompanhados de material e artigos de seu emprego, que são enviados aqui qual qualquer viajante para a expedição de bilhetes para o seu transporte em caminho de terra, foram mais reduzidos.

Tarifagem n.º 269. — Foi publicada em substituição de Tarifa Especial E para viagens de Fim de Semana, uma tarifa, porém, applicação nos dias de feriado, salvo se no domingo se aplicar um ou dois dias de feriado nacional,

Factos e Informaçoes

Concurso de Jardins

Ambo de ser feita a classe dos jardins das estações que concorreram ao concurso de jardins aberto pelo *Journal de C. P.* no seu número de mês de Março de 1930.

Concorreram 23 estações das quais se listam os primeiros as seguintes:

1.º Grupo

1.º Prémio — 450000 Esc. — ao Sr. Chefe de 2.º classe, Amadeu Rodrigues — Felde.

2.º Prémio — 300000 Esc. — ao Sr. Chefe de 2.º classe, Manuel de Melo — Bana.

3.º Prémio — 150000 Esc. — ao Sr. Chefe de 2.º classe, Félix de Feresca — Odéus.

2.º Grupo

1.º Prémio — 450000 Esc. — ao Sr. Chefe Principal, Abraham Gilevoli — Colúmbio B.

2.º Prémio — 300000 Esc. — ao Sr. Chefe de 2.º classe, David Cohen — Orer.

3.º Prémio — 150000 Esc. — ao Sr. Chefe de 1.º classe, José Rodrigues — Magalhães.

3.º Grupo

1.º Prémio — 450000 Esc. — ao Sr. Fielto de 1.º classe, Manuel Regimundo Horta — Monte Verde.

2.º Prémio — 300000 Esc. — ao Sr. Chefe de 2.º classe, Filipe Sanches — Lou.

3.º Prémio — 150000 Esc. — ao Sr. Chefe de 2.º classe, Virgílio Augusto Pereira — Fátima.

O *Journal de C. P.* regista com satisfação os resultados do primeiro concurso de jardins e espera que nos próximos se intervenha nos concursos futuros.

Em todos os lugares dos países que atingiram um elevado grau de civilização, tornou-se geral a habitação e bem aguçado das instalações ferroviárias; não são devotas longe para trás, sendo, pela dignidade de estilo, todos os países e que a maioria tem recebido sempre.

As agências presentes no momento foram distribuídas diplomas.

As nossas felicitações.

Novos salões restaurantes

dos Caminhos de Ferro Federais Suíços.

Um grupo de personalidades em evidência nos meios ferro-viários, jornalísticas e públicas foi recentemente convidado para uma viagem de inspeção à rede de lago de Zurich, com visita restaurantes lá pouco tempo mandado.



A visita dos senhores inspetores dos Caminhos de Ferro Federais Suíços.

construir pelos Caminhos de Ferro Federais Suíços, que serviram uma inspeção, tanto no aspecto exterior, como, e sobretudo, pelo alto grau de conforto que apresentam as suas instalações interiores.

As obras de nova construção são bastante claras e simples, e a construção, que se apresenta exteriormente sob o aspecto de tipo mais geralmente usado, é interiormente de aço.

A construção é dividida em dois compartimentos por uma divisória de madeira, o que lhe dá o aspecto de um grande salão, e a sua decoração interior atinge um grau de beleza

novas viagens nos Caminhos de Ferro Belenos.
O encanto da viagem e a impressão de



Passagem sobre o rio.

contato experimentalmente provocaram as mais elogiadas referências por parte das entidades envolvidas.

Cambéias aéreas

A Companhia Paulista Railroad, dos Estados Unidos de América do Norte, vai construir um novo caminho de ferro monorrel com Colômbio Paes e Whitestone.

As carroçagens serão suspensas de varas sustentadas por pilares em forma de T e, apesar de estarem a uma altura do solo de cinco de 6 metros, terão acesso alçado.

Os cambéios terão traço aéreo, e as carroçagens, pouco mais ou menos de tamanho das que se utilizam nos metropolitâneos, terão uma forma especial, conforme a gravura representada, tendente a diminuir a resistência do ar, auxiliando, assim, a obtenção de grandes velocidades.

A velocidade dos cambéios poderá atingir 200 quilômetros à hora.

Excursão do Ofício dos ferroviários de Berna

O ofício dos ferroviários de Berna, muito considerado nos meios locais daquela cidade, resolveu, há pouco, fazer uma excursão pela Jugoslávia, Alemanha e costa do Adriático.

Foi um grande entusiasmo que os 100 agentes, que fazem parte do Ofício, toleraram a sua viagem, deixando toda a organização visivelmente ornamentada.

A Administração da Companhia pôs a suas carroçagens à disposição dos excursionistas durante toda a sua viagem. Depois de uma longa excursão pela Jugoslávia onde tiveram ocasião de apreciar as mais belas vistas dos caminhos de ferro daquela país, dirigiram-se os viajantes a Zagreb, capital da Croácia, onde foram aguardados pelo chefe de Berna, pelo Diretor dos Caminhos de Ferro do Estado da Jugoslávia e ainda por outros altos funcionários, que os acompanharam numa visita à cidade e depois ao hotel, onde à noite se realizou uma festa que teve grande concorência.

Naquela ocasião, o Ofício ofereceu à cidade, através uma orquestra representando um tren-Carros de ser exposta esta cidade, que representava um símbolo tradicional. Diz-se que o nome da capital da Suíça, Berna é derivado de alguma cidade, que significa carroça. Por isso motivo figura um carro nas armas da cidade e um bando desses animais é sustentado a expensas do município. Os excursionistas seguiram depois para o sul da Jugoslávia, visitando as



Estação dos Caminhos de Ferro de Berna, na Suíça.

portos mais pitorescos da região. Em Espilá, parte daquela pais, embarcamos com destino a Baguan e Cultura, ponto extremo da corrente. Esta viagem por mar dura dois dias.

De volta a Espilá, foram afavelmente recebidos pelas suas velozes jogadoras que acolhem as suas navegações de líbero.

Abandonado a Jugoslávia, seguiram pela costa do Adriático visitando Trieste, onde ficaram hospedados em um casa grande pitoresca e as suas praiças monumentais, e Venezia, cidade em todo o mundo pelas suas singaras artísticas.

Retorna feita a viagem que durou 10 dias.

Orfanato Ferro-viário de C. P.

A comissão organizadora do Orfanato Ferro-viário de C. P. está fazendo a distribuição de um balancete referente ao ano findo, onde estão minuciosamente detalhadas todas as receitas operadas e as despesas efectuadas.

Como antes, acompanhos o balancete, uma circular que é um apêlo dirigida a todos os ferro-viários e que a seguir transcreveremos:

Aos ferro-viários de C. P.

Senhor, tem sido a nossa felicidade ter-vos em que do Orfanato Ferro-viário, sabido-se, por isso, de algumas famílias para que são results exultantes.

Desde o dia em que fizemos os primeiros passos dentro desta nobre actividade, a nossa intenção sempre aliada não pôde fôrta, porque conseguimos-lhe inesperadamente todo o calor de vossa fé.

Correspondendo os meus progressos humanitários, temos procurado fazer em um trabalho, e o pessoal da vida, procurando-se também nos dias de ternura e amizade, fazer a nobre tarefa educadora, mas correspondendo ao balancete apparece claramente ao que fizemos, e sobre o qual manifestamos as seguintes reflexões, em relação ao modo de obter que nos propozemos fazer.

Costamos nos desolagarmos, porque sempre appareço dentro vobros casas, agitas e volubilizadas a expressão vida, cada vez mais para nos interessar e com vobros esportividades fôrta volubilizadas a fôrta de fazer a nobre e insustentável de nos las para os despropagados filhos dos ferro-viários.

Bastam, pois, nos vobros interesses dentro vobros actiões destinadas a receber e educar a delicia de vobros filhos, e as vobros occupações dentro vobros velozes em las praiças quando de momentos, como agora, todo o apêlo e apêlo a que necessariamente tem que,

nas impetuosas notas de vobros correspondo aliteramos nos vobros, sobre vobros appareço a nobre actividade; depois a via, finalmente hoje, para vobros de nobre social, caritativamente favorecida. Damos que vobros esportivamos; apenas pedimos por vobros filhos de vobros nobre educar a categoria de correspondente e a das pessoas de família que resultam para o vobros filhos, todo vobros, modo de 1.^a classe, das vobros vobros 2.^a classe e um vobros modo de 3.^a classe.

Considero que pertencem a vobros apêlo, correspondente para se preparar um futuro digno em vobros das vobros correspondente de trabalho que nobremente a vobros fôrta de vobros nobre vobros.

Pobres filhos, que a facilidade prova de vobros vobros (paternal) quanto vobros nobre correspondente a vobros nobre! vobros nobremente, procuramos de vobros vobros. Respondemos de vobros de vobros nobre, um exemplo de pure vobros e de vobros nobre fôrta que os nobre.

A COMISSÃO

Augusto dos Santos Monteiro	— Presidente
Alfredo Moraes de Azevedo	— Secretario Geral
Paulo de Castro Rodrigues	— 1. ^o Secretario
Expedito Pinto dos Reis	— 2. ^o
Antônio Manoel de Oliveira	— Tesoureiro
João Soares Pires	— Fiscal
Alfredo Tiburcio Rodrigues	—

A constituição pedida pela Comissão nada tem de exagerada.

Assim, por exemplo, um agente que tenha três pessoas de família, com direito a bilhete de identidade de 1.^a classe, pagará por cada tripla apenas 2400 por bilhete, ou seja 1200, e que corresponde a 400 por ano.

Um agente com duas pessoas de família, com direito a bilhete de identidade de 2.^a classe, contribuirá em cada tripla com 600, e que corresponde a 200 annos por ano, e um agente com duas pessoas de família com direito a bilhete de identidade de 3.^a classe contribuirá por tripla, com 300, isto é, somente 100 por ano.

Não hajam todos aqueles que, desolados naturalmente, tem trabalhado nesta simpliada cruzada aliterando vobros os nobre nobre vobros.

O *Journal* de C. P. faz os mais nobre vobros vobros pela vobros fôrta vobros nobre.

Agricultura e jardins

Trabalho de Dezembro

Continuam as sementeiras, preparam-se os terrenos para as plantações de árvores e arbustos abrindo covas e sustilando. Começam as podas, as limpezas e os tratamentos inverniaes das árvores de fructo, olivais, vinhas, etc.

Da mesma a mesma maneira plantam-se com uma calda acida preparada:

800 grammas de gis-oil (ou petróleo), 50 grammas de salitre de potassa e 800 grammas de água; fêz-se esta emulsão comestavel, diluam-se 1 parte em 20 de água. Esta calda é mais util que a que se apontada no numero anterior, devendo applicar-se, de preferença, nas plantas mais atacadas pelas moléstias.

Nas hortas comestiveis se em alguns pontos e em local muito abrigado, rabanetes, cenouras, alface, cebolas, corvas, etc. Recolhem-se, tambem, nas hortas e jardins, os raios e plantas que não resistem ao frio de inverno.

Características estatísticas

Soma e agua

Desde o mês de Julho último o balanco das chuvas da actualidade em Portugal foi o seguinte:

	Metros	Unhas
Julho	18	326
Agosto	12	200
Setembro	15	290
Outubro	10	181
Novembro	4	110
Total	59	1107

Resultos d'agua

Faz muito que se començe a não reunir — nos pavimentos encorvados torna-se facil e constantemente das chuvas. Isso pode evitar-se guardando se p'ra com rubeiras de canchão (previdentes, por exemplo, de p'neumáticos vellos), seguras lateralmente, nas pernas, com fendas em V, e que não molhem, pregadas. O mesmo deve evitar um pouco escarpado no superficie em contacto com o calçada.



Pessoal.

Leovar

No dia 28 de Setembro passado, quando se cumpria de Lisboa R. o Imperator António Carlos procedia à Realza Interior de uma excursão, encontrou um envelope contendo uma elevada importância em notas, tendo sido entregue imediatamente ao serviço de material.

Por esta alta dignificação, que registamos com prazer, foi o Imperator António Carlos elogiado pela Direcção Geral.

Nominações

Mês de Setembro

sempre ao saber e nosa

Médico de 2.ª Classe: Dr. Vicente Augusto Pires da Silva.

Mês de Outubro

sempre ao saber e nosa

Médico de 2.ª Classe: Dr. José Martins Dias Roga.

Médico de 2.ª Classe: Dr. Mário Damas Dias.

NATAL E TRAJEJO

Médico de máquinas: Desemb. Martins Faria.

Promoções

Mês de Setembro

VIN E OBRAS

A classe de distrito: António F. Roga, Elias Neto, Manuel Faleiro, Vicente de Oliveira Carvalho, Constantino Cardoso.

A sub-classe de distrito: Gomes Cardoso, Manuel Rolo, José Martins Alves, António Lopes, Joaquim Innocencio Marques.

Reformas

Mês de Setembro

curriculum

José António Pereira Simões, Carregador.

AGENTES QUE COMPLETAM NESTE MÊS 40 ANOS DE SERVIÇO



João Augusto Lopes
Imperador de Portugal de 1861 a 1870

Admissão como pedreiro
em 24 de Setembro de 1851



António João de Sousa
Emprego pedreiro

Admissão como pedreiro
em 24 de Setembro de 1851



Alfredo António Beral e Costa
Emprego pedreiro

Admissão como pedreiro
em 17 de Setembro de 1851

Lista de Sócios

EXPLORAÇÃO

- João da Costa Ferreira, Empregado Principal.*
Abel Cunha Melo e Sá, Chefe de 2.ª classe.
João Antônio Frota, Fiel de estação.
Severina Lopes, Fiel de 2.ª classe.
João João Gonçalves/Fino, Bilheteiro de 1.ª classe.
Manuel Pereira Sousa, Fiel principal.
Eduardo Santos Casper, Revisor principal.
Edmundo Augusto Rodrigues, Revisor principal.
João Antônio Rodrigues, Carregador.

NATURA E FUNÇÃO

- Artista Joaquim Diniz, Vigilante.*

Francisco Fernandes Galvão, Maquinista de 1.ª classe.

Joaquim Mendes Nêta, Fagocinco de locomotiva.

ELÉ E SÓCIS

- Manuel Leite, Fiel de 1.ª classe.*
Joaquim Soares, Sub-chefe de distrito.
Maria Adolpho Rosa, Guarda de distrito.
Leão de Oliveira, Guarda de distrito.
Antônio de Sousa, Guarda de distrito.

Medações de categoria

Pena:

Faustor de 2.ª classe: O empregado de 2.ª cl. João Roberto Nunes.

Falecimentos em Outubro

- † *Manuel dos Santos, Conductor de 2.ª classe.*
 Admitido como carregador em 25 de Setembro de 1908.
 † *Francisco da Silva, Aguilheiro de 1.ª classe.*
 Admitido como carregador eventual em 7 de Setembro de 1911.
 † *Carlos Santos, Carregador.*
 Admitido como carregador em 21 de Maio de 1904.
 † *João Sousa Falcão, Carregador.*
 Admitido como carregador em 21 de Agosto de 1898.
 † *Edmundo Augusto Azeved, Guarda.*

- Admitido como carregador em 21 de Fevereiro de 1902.
 † *João Cavaleiro, Chefe de distrito.*
 Admitido como assentador em 21 de Março de 1898.
 † *Salvador Marques, Assentador.*
 Admitido como assentador em 21 de Junho de 1903.
 † *Felício Lourenço, Assentador.*
 Admitido como assentador em 21 de Outubro de 1898.
 † *Abel de Oliveira, Visitador de máquinas.*
 Admitido como ajudante de montador em 1 de Maio de 1905.



† Manuel dos Santos
Conductor de 2.ª classe



† Abel de Oliveira
Visitador de máquinas



† João Cavaleiro
Chefe de distrito



† Edmundo Augusto Azeved
Guarda

Revistas*As no sercipio de campo, de Attalho***10**—Gaza em (impertinência e com insubmissão, mais...
Linha com um álbum antigo, São no livro 2-2.*de lá***11**—Este álbum com três cartas (cartão) de um camar...
uma lista dos artigos pagados—2-2.*de lá***12**—A importância do trabalho que aparece na evolu-
ção de um rio (colleção em um exemplar) 2-2.*de lá**(N. N. N.)***13**—Este volume de pólos apresenta tanta grandiosidade
que até é possível estar-se com insubmissão.*de lá***14**—Cópia T. Jura e outras do antigo? Fichas em
São 1-2-2.*de lá***15**—A novela (impertinência) com...—2-2.*de lá***Relatos****16**—Qual é a palavra cujo significado e finalidade
na natureza da natureza de condições de terra de Portu-
gal?*de lá***Rapido****17**—Fornos e casas de um aparelho de G. P. com
um livro das expressões palavas!**LATA A VISTA DO IRAS***de lá***18**—Relato pictórico**Tabela de preços dos Armazéns de Viçosa, durante o mês de Dezembro de 1930**

Alimento	Preço	Alimento	Preço	Alimento	Preço
Arroz Branco..... kg.	5200	Carvão alívio de Oala		Macaos..... kg.	5400
• Nacional..... "	5270	• Campesinil..... kg	390	Milho..... "	490
• Valenciense..... "	5280	• Colômbio..... "	390	Ovos..... dúzias	9200
• Rio..... "	5400	Cinzeiros de mar.... "	10000	Passalhas..... kg.	1400
Arroz de 1.ª..... "	5250	Facões de milho..... "	1200	Peperinos..... kg.	12000
• " 2.ª..... "	5075	• " " trigo..... "	5400	Queijo de Serra..... "	10000
• " 3.ª..... "	4850	Fantoches..... "	7500	• Salsagem..... "	10000
Arroz de 2.ª..... kg.	5000	Ferros brancos..... kg.	300	Salsas misturadas..... "	1400
• " 3.ª..... "	4800	• amarelo..... "	1500	• Colômbio..... "	2200
Arroz de 1.ª..... kg.	5275	• amarelado..... "	5400	Sal..... kg.	480
• " 2.ª..... "	5000	• Verde de 2.ª..... "	1400	Suco..... kg.	450
• " 3.ª..... "	4800	• " 1.ª..... "	1400	Torrão..... "	3400
Batatas cruas..... kg.	2175	• moqueado..... "	1800	Uva..... kg.	300
• Ingles..... "	5400	• Verde de 1.ª..... "	1200	• Verde..... "	300
• "..... "	5400	• moqueado..... "	1800	• Verde Branco..... "	300
Batatas cozidas..... kg.	2300	• Verde..... "	1200	• Verde..... "	300
Batatas cozidas..... kg.	2300	• Verde..... "	1200		
Carvão alívio..... "	340	• Verde..... "	1200		
		• Verde..... "	1200		

Estas preços estão sujeitos a alterações, para cada vez para menores, segundo as condições do mercado.
Os preços de arroz, maciço, corado, farinha de trigo, milho, polvilho, macaxeira e outros no Armazém de Viçosa
não são abrangidos do Imposto Federal.

Além das gêneros acima citados, os Armazém de Viçosa tem à venda todos os gêneros que se encontram no mercado
em abundância nas regiões a montante, assim como alguidos, abacaxis, melancia, batatas, maçãs, frutas para fazer, salgado e outros
de terra amarela não por preços inferiores aos do mercado.

O **Relatório do G. P.**, tem normalmente 16 páginas, segundo a publicação de Janeiro e Dezembro. De lá
algumas foram um volume com todos pedidos. De algumas das Relatórias não se tem mais arquivo.

Os agentes que quiserem receber individualmente o Relatório, deverão contactar com a importância anual
de 10000, a depender necessariamente, mas que substituirá um Pacote destinado a fornecer a material para con-
tabilização, por meio de conversão, e ainda a melhoramentos no Relatório.

Os pedidos devem ser encaminhados por via telegráfica a Secretaria de Direito (Relatório do G. P.).